

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

GABRIEL AUGUSTO DA ROSA

**ARTE, IMAGEM E PODER: A MANIPULAÇÃO ESTÉTICA COMO INSTRUMENTO
DE PERSUAÇÃO E CONTROLE NOS CONTEXTOS POLÍTICOS E SOCIAIS**

**CRICIÚMA
2023**

GABRIEL AUGUSTO DA ROSA

**ARTE, IMAGEM E PODER: A MANIPULAÇÃO ESTÉTICA COMO INSTRUMENTO
DE PERSUAÇÃO E CONTROLE NOS CONTEXTOS POLÍTICOS E SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA

2023

GABRIEL AUGUSTO DA ROSA

**ARTE, IMAGEM E PODER: A MANIPULAÇÃO ESTÉTICA COMO INSTRUMENTO
DE PERSUAÇÃO E CONTROLE NOS CONTEXTOS POLÍTICOS E SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Teorias da Arte

Criciúma, 21 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus–Doutor em Educação - (UFRGS) - Orientador

Prof^a. Dra. Viviane Kraieski de Assunção - Doutora em Antropologia Social - (UFSC)

Prof. Me. Alan Figueiredo Cichela – Mestre em Artes Visuais - (UFRGS)

Dedico esta pesquisa a tudo que formou quem sou hoje, minha forma de enxergar o mundo e julgar as coisas; minhas inspirações, minhas vivências e minhas ambições.

AGRADECIMENTOS

Me dedico aqui a agradecer todos aqueles que me inspiram, todos aqueles que me incentivam em minhas decisões, àqueles que estão e estiveram ao meu lado.

Agradeço meus pais, pelo apoio e incentivo durante essa fase da minha vida, por me apoiarem em minhas decisões e me mostrarem que, mesmo com dificuldades, ainda posso seguir meus sonhos.

Agradeço aos meus avós por moldarem quem sou hoje, meu caráter. Por me ensinarem tudo sobre a vida e por serem fonte de inspiração e sabedoria. Obrigado vó Alda, vó Dete, e obrigado também meus falecidos vô Binha e vô Olivar.

Agradeço aos meus irmãos, Miguel, Emanuela e Lucas, por me encherem de orgulho e me mostrarem que devo acreditar no futuro e batalhar para que este seja melhor, não só para eles, mas para todos.

Agradeço a minha namorada Kellen, que durante toda essa trajetória de quatro anos, sempre esteve me apoiando em minhas escolhas, nunca julgando certas ou erradas, mas sim, me mostrando como posso levar a vida de maneira leve e divertida.

Agradeço aos amigos que fiz nessa trajetória de faculdade, por cruzarem meu caminho e tornarem tudo mais divertido e leve. Agradeço imensamente também, àqueles amigos que sempre estiveram ao meu lado mesmo antes dessa caminhada universitária, especialmente Carlos e Frasson.

Também agradeço à todos os professores, por engrandecer minha visão quanto não apenas a arte, mas à vida; em especial, também agradeço meu orientador Marcelo, por compartilhar comigo sua sabedoria, pela sua dedicação, paciência e auxílio nessa caminhada. E também, meus agradecimentos aos professores da banca examinadora, Alan e Viviane, por aceitar meu convite e por, ao longo desta jornada, contribuírem para minha formação.

A todos, o meu muito obrigado!

“Manifestações, libertar mentes e pulsos.
Buscando soluções, fim dos choros e soluços.
Vamos derrubar o nome dessas ruas, essas
estátuas. Botar herói de verdade nessas praças”

Abebe Bikila (Bk') - Movimento

RESUMO

O trabalho insere-se nas problematizações do campo das discussões sobre a imagem, a estética, a política e as relações de poder, caracterizando-se uma pesquisa sobre arte, dialogando com a linha de Processos e Poética: Teorias da Arte, do Curso de Artes Visuais Bacharelado. Tem natureza básica com abordagem qualitativa. Propõe como problema investigar, em que medida a manipulação da imagem na arte é usada como uma ferramenta de persuasão e controle em contextos políticos e sociais? Para isso, dialoga à luz de autores como Michel Foucault, Walter Benjamin, Nadja Hermann, Byung-Chul Han, dentre outros. No campo das referências artísticas, propõe conexões com Ai Weiwei, Banksy, Coletivo Guerrilla Girls, M.I.A, Xadalu e Joelson Bugila. Os resultados apontam que com a massificação das imagens veiculadas em redes sociais constatamos um significativo aumento de notícias falsas que mobilizam comportamentos que normalmente favorecem a classe dominante. A aposta da pesquisa é que faz-se necessária a compreensão desses mecanismos de persuasão, como ferramentas de manipulação, de modo a desenvolvermos a apropriação crítica e estética dos conhecimentos ampliando o pensamento político-social do espectador. Colocar em suspeita imagens que são veiculadas e massificadas, a primeira vista com cunho “inocente”, mas que mascaram mensagens com cunho misógino, racista, xenofóbico; temas, infelizmente, ainda muito presentes na sociedade brasileira e mundial, que intensificaram-se nos últimos anos, especialmente pelo avanço de um pensamento político ultraconservador de extrema-direita.

Palavras-chave: Imagem, Contextos Políticos, Estética, Arte.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01 - Estátua de Borba Gato em chamas	14
IMAGEM 02 - Mulher vestida de Catrina (<i>Dia de Los Muertos</i> no México).	28
IMAGEM 03 - <i>Les Deux Mystères</i> (Os dois mistérios) – René Magritte	32
IMAGEM 04 - <i>Girl With Balloon</i> (Garota com Balão) sendo triturada - Banksy	34
IMAGEM 05 - <i>Stop and Search</i> (Pare e Procure) - Banksy.....	35
IMAGEM 06 - <i>Piasa Natale Coral</i>	38
IMAGEM 07 - Monumento da <i>Piasa Natale Coral</i>	38
IMAGEM 08 - <i>Guernica</i> – Pablo Picasso.....	46
IMAGEM 09 - <i>The Law of the Journey</i> (A Lei da Viagem) – Ai Weiwei	49
IMAGEM 10 - <i>Kissing coppers</i> (Policiais se beijando) – Banksy	51
IMAGEM 11 - Sementes de Girassol – Vista Panorâmica – Ai Weiwei	63
IMAGEM 12 - Sementes de Girassol – Detalhe das sementes – Ai Weiwei	64
IMAGEM 13 - Sementes de Girassol – Detalhe tam. das sementes – Ai Weiwei	65
IMAGEM 14 - Sementes de Girassol – Plano Geral – Ai Weiwei	66
IMAGEM 15 - Derrubando um Vaso da Dinastia Han – Ai Weiwei.....	67
IMAGEM 16 - Raiva, O Lançador de Flores – Mural em Jerusalém – Banksy	69
IMAGEM 17 - <i>No Ball Games</i> (Não a Brincadeiras de Bola) – Banksy	70
IMAGEM 18 - <i>No Ball Games</i> (Green) – Banksy.....	71
IMAGEM 19 - As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museu?.....	73
IMAGEM 20 - <i>The Advantages of Being a Woman Artist</i> – Guerrilla Girls	73
IMAGEM 21 - “OLHAI POR NÓIS” - Pixação no Pateo do Collegio – M.I.A.....	75
IMAGEM 22 - Pixação no Monumento às Bandeiras, São Paulo, Brasil – M.I.A.....	76
IMAGEM 23 - Pixação no Monumento às Bandeiras, São Paulo, Brasil – M.I.A.....	77
IMAGEM 24 - Pixação da Estátua do Borba Gato, São Paulo, Brasil – M.I.A.....	78
IMAGEM 25 - Mural “Atenção: Área Indígena”, POA-RS, Brasil – Xadalu	80
IMAGEM 26 - Serigrafia “Atenção: Área Indígena”, POA - RS, Brasil – Xadalu.....	80
IMAGEM 27 - Invasão Colonial: Meu Corpo Nosso Território – Xadalu	81
IMAGEM 28 - Lambe Intervenção “BUUU!” em Criciúma – Joelson Bugila	82
IMAGEM 29 - Lambe Intervenção “BUUU!” em Criciúma – Joelson Bugila	83
IMAGEM 30 - <i>The Good Citizen</i> (O cidadão de bem)	86
IMAGEM 31 - Coletânea de notícias de “cidadão de bem”	87
IMAGEM 32 - Poster da propaganda nazista (Rotten)	89

IMAGEM 33 - Captura de tela – Postagem de Carla Zambelli	90
IMAGEM 34 - Cartaz <i>Entartete Muzik</i> (Música degenerada).....	92
IMAGEM 35 - Coletânea de manchetes de “Música ruim / Preconceito na Música” .	93
IMAGEM 36 - Discurso de Joseph Goebbels – Imagem Editada.....	94
IMAGEM 37 - Discurso de Roberto Alvim – Imagem Editada	95
IMAGEM 38 - Estética do Controle – Gabriel Augusto da Rosa (2023)	97
IMAGEM 39 - Estética do Controle (lateral) – Gabriel Augusto da Rosa (2023)	98
IMAGEM 40 - Estética do Controle (foco 1) – Gabriel Augusto da Rosa (2023)	99
IMAGEM 41 - Estética do Controle (foco 2) – Gabriel Augusto da Rosa (2023)	100
IMAGEM 42 – Quadro de investigação criminal (2023).....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE – Conselho Nacional de Educação

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

EUA – Estados Unidos da América

IA – Inteligência Artificial

KKK – Ku Klux Klan

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e o símbolo “+” abarca as demais orientações sexuais e de gênero

MIA – Massive Illegal Arts

PL – Partido Liberal

POA – Porto Alegre

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1. UMA IDEIA QUE SE TRANSFORMA EM PESQUISA	11
1.1 O MÉTODO	16
1.2 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DOS TEXTOS DA PESQUISA	18
2. ARTE, IMAGEM E PODER	22
2.1 IMAGEM, ICONOGRAFIA E SIMBOLISMO	26
2.2 A ARTE E A ESTÉTICA NA CRIAÇÃO DE NARRATIVAS	30
2.3 ESTRUTURAS DE PODER E A PRODUÇÃO DE IMAGENS	39
3. ÉTICA, ESTÉTICA, POLÍTICA E A ARTE CONTEMPORÂNEA	44
3.1 CONCEPÇÕES DE ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA	47
3.2 A ARTE COMO PRÁTICA DE LIBERDADE	52
3.3 ARTIVISMO E RESISTÊNCIA: UM CONTRAPONTO À MANIPULAÇÃO	56
3.4 COLEÇÃO DE EXEMPLOS: ARTE CONTEMPORÂNEA E RESISTÊNCIA	61
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102

1 UMA IDEIA QUE SE TRANSFORMA EM PESQUISA

Até ingressar no Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), tinha uma noção básica sobre a arte, a estética e a imagem. Conhecia os conceitos separadamente, e normalmente os reduzia apenas a sua estrutura formal: linhas, cores, formas, texturas e composição, predominando uma compreensão mimética, ou seja, a arte e a imagem apenas como imitação ou representação da realidade.

À medida que avançava nas disciplinas do Curso essa compreensão foi se modificando, especialmente nas disciplinas de Estética e Teorias e História da Arte, nas discussões do campo da Filosofia da Arte. Compreendi que o manejo desses elementos, é o que constrói o que estamos habituados a entender como a “mensagem” da imagem ou da produção artística.

Na minha concepção, arte, ética, estética e política estão interligadas. Somos seres políticos, nos posicionamos, emitimos opinião, aprendemos, construímos consciência crítica. A política está em tudo, assim como a arte, por isso tenho buscado entender pontos de vistas de autores, de artistas, do público e interpretar aquilo que me é apresentado. Olhar para além dos aspectos formais da imagem, escutar, para além de ouvir. Analisar o contexto sociocultural em que imagens, de arte ou não, e os discursos são produzidos.

Desde o nascimento somos bombardeados de informações a todo instante, de inúmeras fontes. O advento das redes sociais tem tornado a presença da imagem cada vez mais presente no nosso dia-a-dia. Entender como filtrar, interpretar e consumir essas informações se faz cada vez mais necessário na sociedade contemporânea. Passei a me interessar mais sobre o tema “arte e política” a partir das eleições presidenciais brasileiras, em 2018, quando o tema das *Fake News*¹ começou a circular cada vez mais nas mídias, mobilizando polêmicas, sentimentos de amor e ódio, de certo e errado, da presença da ideia de mito e herói. Chamava-me a atenção em como os conhecimentos da arte, especialmente no conceito e uso da imagem, eram produzidas e massificadas diariamente, criando discursos, dogmas e crenças.

¹ De acordo com o Dicionário Oxford *Fake News* é uma informação falsa que é transmitida ou publicada como notícia, motivada por razões políticas ou para fins fraudulentos. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/fake-news> Acesso em: 12 ago. 2023

Dessa forma, compreendendo como os elementos visuais são organizados em uma obra, a análise dos princípios estéticos como a proporção, a simetria, o ritmo, o contraste e a unidade, que ajudam a criar uma experiência estética, relacionei diretamente em como as imagens são consumidas e utilizadas com fins não tão claros, à primeira análise. Por exemplo, a utilização das cores da bandeira nacional sendo relacionadas diretamente a um posicionamento de extrema direita no cenário político brasileiro, enquanto em contextos passados apenas se relacionava a questões de copa do mundo de futebol.

É assim que chego ao tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma tríade entre arte, estética e política a partir dos estudos da imagem, buscando compreender as maneiras pelas quais o uso dos conceitos da estética² na arte são utilizados como instrumentos de persuasão, de modo a auxiliar na identificação de quando somos influenciados por essas técnicas, permitindo decisões mais conscientes frente ao consumo de imagens.

Essa manipulação está fortemente ligada ao capitalismo e ao consumismo. Isso se dá por conta de o capitalismo depender do consumo constante de produtos e serviços para sustentar o crescimento econômico. Para estimular esse consumo, a publicidade e a propaganda são amplamente utilizadas para convencer as pessoas de que elas precisam de mais aquisições para tornar-se felizes, bem-sucedidas ou atraentes.

A manipulação da imagem é uma técnica crucial nesse processo, uma vez que visa influenciar a percepção e o comportamento das pessoas em relação aos produtos e serviços oferecidos pelas empresas. Cria-se assim um ciclo vicioso de consumo em que as pessoas compram mais produtos e serviços para tentar atingir esse ideal, mas nunca se sentem satisfeitas ou realizadas, o que leva as pessoas a se sentirem inadequadas ou insuficientes, algo que, conseqüentemente pode trazer problemas de saúde mental como a ansiedade e a depressão, por exemplo.

A manipulação da imagem também é comumente usada em campanhas políticas para influenciar a percepção das pessoas em relação aos candidatos e aos temas que defendem. Por exemplo, imagens de um candidato sorridente e confiante

² Quando me refiro a estética, compreendo-a a partir da filosofia, não fazendo alusão a estética enquanto ramo/atividade profissional da área da indústria da beleza.

podem ser usadas para fazer com que as pessoas se sintam mais positivas em relação a ele, enquanto imagens de um candidato sombrio e cansado podem ter o efeito oposto. Estas características também são usadas em discursos políticos, por meio do uso de técnicas retóricas que visam influenciar as emoções das pessoas e formar opiniões. Por exemplo, um líder político pode usar um tom de voz firme e autoritário para transmitir uma mensagem de confiança e autoridade, ou pode usar uma linguagem emocionalmente carregada para criar uma conexão emocional com o público.

A utilização da imagem para construir uma percepção positiva de uma figura no imaginário popular é evidente tanto na política quanto no cotidiano. Isso pode ser observado na glorificação de nomes, seja através da construção de estátuas ou da nomeação de ruas e avenidas. Muitas dessas homenagens são direcionadas a indivíduos ricos, poderosos e influentes. Por todo o Brasil, é possível encontrar tais referências. Um caso que ganhou notoriedade em julho de 2021 foi o da Estátua de Borba Gato, um monumento em honra ao bandeirante Borba Gato³. A estátua foi incendiada por manifestantes (imagem 01) em protesto à exaltação de uma figura associada à promoção da escravidão. Esse ato destaca um movimento crescente de questionamento sobre a razão de tais homenagens e como muitas delas se tornam invisíveis no contexto urbano, integrando-se sutilmente ao senso coletivo.

³ G1 SP. "Estátua de Borba Gato é incendiada por grupo em São Paulo". G1, São Paulo, 24 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/noticia/2021/07/24/estatua-de-borba-gato-e-incendiada-por-grupo-em-sao-paulo.ghtml> .

Imagem 01 – Estátua de Borba Gato em chamas – Zona sul de São Paulo – 2021.



Fonte: Foto retirada do site G1 “Estátua de Borba Gato é incendiada em São Paulo”
-2021. Acesso em: 02 nov. 2023.

Assim, a manipulação da imagem se constitui em uma forma de controle social que perpetua o consumismo e o capitalismo, ao mesmo tempo em que mantém as pessoas em um estado de insatisfação constante. O objetivo final é sempre aumentar os lucros das empresas, mesmo que isso signifique explorar a vulnerabilidade das pessoas e reforçar padrões de beleza e sucesso inalcançáveis, sendo usado também para influenciar a opinião pública e moldar a agenda política, o que pode ter implicações significativas para a democracia e os direitos humanos. Por isso, se faz necessário estudar e compreender as maneiras pelas quais a manipulação da imagem é usada em contextos políticos e sociais, a fim de promover uma atitude ética, estética e política diante da vida.

Entender os efeitos desse mau uso de elementos da arte na percepção e comportamento da população pode ajudar a evitar a propagação de ideias preconceituosas e danosas à sociedade, como as *Fake News*, já mencionadas nas linhas iniciais deste trabalho, ou sentidos comuns deturpados que possuem raízes na discriminação, algo que, conseqüentemente traz conseqüências negativas na sociedade em diversos âmbitos, compreender isso, pode auxiliar no desenvolvimento de uma sociedade mais informada e consciente que pense além do que somente lhes é apresentado.

Dessa forma a pesquisa se deu a partir do aprofundamento e expansão do conhecimento em relação a seguinte problemática: **Em que medida a manipulação da imagem na arte é usada como instrumento de persuasão e controle em contextos políticos e sociais?**⁴ A sociedade possui uma ideologia enraizada sobre o que recebe e está pré-disposta a acreditar naquilo que lhe convém, desta forma permitindo-se ser manipulada e direcionada a compartilhar de ideais e comportamentos que favoreçam a classe dominante.

Faz-se necessária a compreensão desses mecanismos de persuasão, a partir de conhecimentos da arte e da estética, tanto política, quanto na propaganda e na mídia de modo a não nos tornarmos facilmente manipuláveis, tendo a compreensão daquilo que nos é apresentado e dos mecanismos que são utilizados para disseminar ideologias e mantê-las intrínsecas no ideal comum, evitando desta forma a

⁴ Grifo meu. Ao longo do texto o leitor encontrará termos negritados com o objetivo de destacá-los na escrita.

propagação de ideais preconceituosas que nada contribuem para um estado democrático de direitos.

A pesquisa se concentra particularmente na manipulação da imagem no contexto artístico, não apenas no sentido digital através de softwares, mas na capacidade da imagem em manipular o imaginário coletivo. Analisaremos como a arte desempenha um papel central neste contexto e na contestação das estruturas de poder, através de estratégias sutis de persuasão e controle que se infiltram no tecido das representações visuais.

Em suma, este trabalho se propõe a uma exploração teórica das conexões entre arte, imagem e poder, oferecendo uma visão das influências mútuas e das tensões inerentes a essa tríade. Ao fazê-lo, busco contribuir para uma compreensão mais aprofundada da natureza da expressão artística e seu papel crucial na construção e contestação das estruturas de poder em nossa sociedade.

Considerado este contexto, apresento abaixo o percurso metodológico utilizado para a estruturação da pesquisa.

1.1 O MÉTODO

A pesquisa insere-se na área de Ciências Humanas, por ser “um estudo da complexidade do ser humano, sua historicidade e, sobretudo, implicações éticas” (GIL, 2017, p. 35), de natureza básica, uma vez que “reúne estudos que tem como propósito preencher uma lacuna no conhecimento” (GIL, 2017, p. 32), e de caráter qualitativo, “mediante descrições verbais” (GIL, 2017, p. 41). A metodologia utilizada dialoga com uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Antônio Carlos Gil “[...] é elaborada com base em material já publicado” (2017, p. 34) com o objetivo de fundamentar teoricamente o estudo em torno do tema da imagem e dos estudos da estética na arte e sua utilização como instrumento de persuasão e controle.

Para tanto, reuniu-se o conhecimento prévio sobre o tema, avaliando criticamente as informações encontradas e utilizando-as como base para o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, o trabalho tem um caráter exploratório e analítico, que para Gil (2017, p. 33), “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir

hipóteses”, focando na compilação, análise e síntese do conhecimento prévio disponível.

Do ponto de vista da linha de pesquisa, dialoga com a Resolução Nº 38/2014 que trata do Regulamento Específico do Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais Bacharelado, inserindo-se em “Processos e Poéticas: Teorias da arte” que investiga as “abordagens das teorias da arte e seus processos de criação e reflexão. Obra e discurso”.⁵

Neste íterim, a partir do problema destacado na página 15, proponho como objetivo geral da pesquisa investigar as formas pelas quais a manipulação da imagem na arte atua como mecanismo de persuasão e controle nos cenários político e social.

As questões norteadoras da pesquisa assim se apresentam: Quais são as principais técnicas artísticas utilizadas na manipulação de imagens para fins de persuasão em contextos políticos e sociais?

Como a manipulação da imagem na arte influencia a percepção e as opiniões do público em relação a temas políticos e sociais contemporâneos?

Em que momentos históricos a manipulação da imagem na arte foi particularmente eficaz como ferramenta de controle social e político?

Os objetivos específicos estão vinculados as questões norteadoras e são direcionados para atingir o objetivo geral. São eles: Identificar as principais técnicas artísticas empregadas na manipulação de imagens com o intuito de persuadir em cenários políticos e sociais. Avaliar o impacto da manipulação da imagem na arte sobre a formação de opiniões e percepções do público acerca de questões políticas e sociais contemporâneas. Mapear os períodos históricos em que a manipulação da imagem na arte teve um papel significativo no controle e influência sobre a sociedade e a política.

A pesquisa se faz com o diálogo entre os objetivos, que são sustentados pelas perceptivas teóricas e desdobradas em uma produção artística, indo ao encontro do que prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de Artes Visuais (2009)⁶. A produção artística apresenta recortes de propagandas antigas de regimes políticos autoritários, que, aproximadas com fatos políticos de nosso tempo, especialmente de

⁵ Disponível em: https://www.unesc.net/portal/resources/official_documents/11228.pdf?1426017180
Acesso em: 09 ago. 2023

⁶ Resolução nº 01 do Conselho Nacional de Educação (CNE) de 16/01/2009. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf Acesso em: 04 nov. 2023

2018 a 2023, demonstram como as imagens, retiradas de seu contexto e com uma análise aligeirada, constituem mecanismos de manipulação, formam opinião e constituem o que temos compreendido por *Fake News*. Portanto, a produção apresenta pares de imagens que combinam propagandas antigas com imagens contemporâneas, destacando como se estabelecem mecanismos para persuasão e controle.

A produção artística ocupa-se em problematizar a interconexão entre estética, imagem e poder em contextos políticos e sociais. O intento central da produção artística é evidenciar como a manipulação estética tem sido usada historicamente para propagar ideologias discriminatórias e opressivas e para influenciar a opinião pública e as decisões políticas. A produção procura problematizar junto ao público sobre essas práticas promovendo uma compreensão crítica da influência da estética na política e na sociedade. Desejo, assim, encorajar as pessoas a resistir à manipulação estética em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Definido o método de pesquisa, apresento na sequência a organização da pesquisa e os textos que a constituem.

1.2 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DOS TEXTOS DA PESQUISA

Dou início a minha escrita com um capítulo introdutório “1. Uma ideia que se transforma em pesquisa” onde esclareço a forma como cheguei ao tema da pesquisa incorporando outras duas seções: “1.1 O método” e “1.2 Organização e estrutura dos textos da pesquisa”. O primeiro se propõe a apresentar a metodologia utilizada na pesquisa e o segundo à apresentação da estrutura dos textos e como o trabalho está organizado.

Na sequência, a pesquisa discorre sobre a tríade “2. Arte, Imagem e Poder” e é composto por três seções: “2.1 Imagem, Iconografia e Simbolismo” que explora a interconexão entre imagem, iconografia e simbolismo e como esses elementos desempenham um papel crucial na construção de significados culturais e na comunicação de mensagens. A seção “2.2 A Arte e a Estética na Criação de Narrativas” explora o território da arte e da estética, examinando como a criação artística desempenha seu papel na construção de narrativas visuais e na forma como percebemos o mundo ao nosso redor. Na terceira e última seção do capítulo, “2.3 Estruturas de Poder e a Produção de Imagens” destaco como o poder influencia e é

influenciado pela produção de imagens em nossa sociedade. Analiso a relação entre poder e corpo, a microfísica do poder, o conceito de biopoder e dispositivos de poder-saber. Também discuto a influência do capitalismo na produção de imagens, exemplificado pelas eleições de 1989 no Brasil, e como o realismo capitalista mantém o poder. Esta análise enfatiza a interconexão entre arte, imagem e poder, demonstrando como esses elementos moldam narrativas culturais e políticas, impactando nossa compreensão do mundo e o exercício do poder.

Os principais referentes deste capítulo contam com os estudos de Michel Foucault (1977, 1987, 1988, 1998 e 2004) acerca de poder (biopoder, microfísica do poder, poder-saber e, práticas de poder) também, em seu famoso ensaio "Isto não é um cachimbo" em que reflete sobre a obra de René Magritte *Les Deux mystères* (os dois mistérios), e seus estudos com reflexões acerca do corpo; John Berger (1999), referente a estudos sobre a maneira como vemos as coisas; Leonor Areal (2012), no qual problematiza e investiga estudos da cultura visual; Tábata Bergonci (2018), com estudos acerca das cores; Byung-Chul Han (2019), em seus estudos referentes ao belo e a estética; Walter Benjamin (2013), ao explorar a transformação da arte e da imagem na era da reprodutibilidade técnica; e por fim, Mark Fisher (2020), em seu estudo acerca do "Realismo Capitalista".

O capítulo seguinte se ocupa a problematizar a "3. Ética, estética, política e a arte contemporânea". É composto por quatro seções: "3.1 Concepções de ética, estética e política" que se propõe a discorrer sobre as concepções de conceitos filosóficos, fundamentalmente e necessariamente, para que se entenda a relação entre ética e estética na arte contemporânea, bem como o papel central da política como força na criação artística. A seção seguinte, "3.2 A arte como prática de liberdade", dedica-se a explorar a arte como prática de liberdade, onde, algumas obras de arte contemporânea oferecem um espaço de liberdade para artistas e público. Isso permite aos artistas explorar temas pessoais, sociais e políticos de maneira peculiar, desafiando as estruturas rígidas de poder da sociedade e quebrando normas tradicionais, proporcionando novas formas de liberdade. Em sequência "3.3 Artivismo e resistência: Um contraponto à manipulação", apresento como a arte desempenha um papel crucial ao evocar sentimentos e estabelecer laços emocionais entre o público e o artista, destacando a particularidade evidente no artivismo, que tem uma dimensão política, ativista, de militância, que vão além das convenções tradicionais, desafiando o conservadorismo e atuando como uma forma de resistência; e além

disso, promovendo a crítica social, a reflexão histórica, o pensamento crítico e demonstrando empatia e sensibilidade. Por fim, em "3.4 Coleção de exemplos: Arte contemporânea e resistência", destaco e exemplifico diversas vozes influentes na arte contemporânea e na resistência, servindo como referentes para a pesquisa, tais como Ai Weiwei, Banksy, Guerrilla Girls, M.I.A, Xadalu, e Joelson Bugila, cada um desses artistas levanta questões cruciais que contribuem para a temática em discussão. Finalizando com o processo de pesquisa da produção artística que compõe este trabalho e que foi exibida em exposição coletiva *Nuances* (dia 20 de novembro de 2023) junto aos demais colegas da 8ª fase do Curso de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC.

Os principais referentes deste capítulo contam com os estudos de Nadja Hermann (2005), em seu estudo acerca da apreciação estética, construída pelo gosto pessoal e pela experiência individual, que influencia na formação de conclusões éticas pessoais. Immanuel Kant (1995), que discute a natureza do julgamento estético e a impossibilidade de se estabelecer regras objetivas para determinar o que é belo. Walter Benjamin (1984 e 2022), onde o autor em seus estudos trata do potencial da arte de resistir à instrumentalização política, por estar profundamente envolvida com o materialismo histórico, e também, em seu estudo onde cunhou o conceito de "aura" da obra de arte. Também, quando analisa como a reprodução técnica das obras de arte influenciou a percepção pública e a disseminação de ideologias totalitárias.

Luciana Gruppeli Loponte, em sua tese de doutorado (2005), com suas reflexões acerca de Foucault. Noam Chomsky (2014) ao refletir sobre manipulações midiáticas em detrimento do poder estabelecido. Nicolas Bourriaud (2011), que reflete a ideia central de seu pensamento sobre a arte moderna. Byung-Chul Han (2019) ao destacar a forma como a arte contemporânea vai em contrapartida à arte saudosista ao fugir do estetismo clássico. Georges Didi-Huberman (2017), ao investigar a maneira como as imagens, especialmente as imagens visuais e artísticas, podem se tornar veículos para a expressão política e histórica. Filósofos da Escola de Frankfurt (2002): Theodor W. Adorno e Max Horkheimer que são conhecidos por suas análises críticas da sociedade e cultura, em obras, que exploram temas como a alienação, a desumanização e a falta de empatia na sociedade moderna. Também em Theodor Adorno, onde reflete sobre o principal objetivo de toda educação deveria ser evitar uma nova Auschwitz, e Mark Fisher (2020), ao argumentar que o capitalismo avançado, em sua busca incessante por lucro e eficiência, tende a homogeneizar a

cultura e o pensamento, levando à perda de singularidade e à supressão de vozes críticas.

Por fim, no texto dedicado as considerações finais (4. Considerações finais), me proponho a apresentar os resultados da pesquisa, ressaltando a profunda interconexão entre a arte contemporânea, a imagem, o poder, a política e a resistência; e destacando a arte como um contraponto à manipulação, assim como a educação (principalmente a educação quanto a arte) e também a potência do ativismo na contemporaneidade.

2 ARTE, IMAGEM E PODER

A relação entre arte, imagem e poder, embora complexa, está presente ao longo da história e cultura da sociedade. Historicamente, a arte e a produção de imagens cumprem a função de comunicar ideias, influenciar opiniões e formar percepções coletivas. Estas relações entre a expressão artística, a construção de imagens e os sistemas de poder revelam uma série de mecanismos que merecem uma análise.

Na base desta relação está a capacidade da arte de transcender barreiras linguísticas e culturais, tornando-se uma linguagem universal que pode unir ou dividir sociedades. Através da escolha de temas, técnicas e estilos, os artistas comunicam mensagens, tanto sutis quanto provocativas, questionando normas estabelecidas, colocam em jogo discursos de “verdade” e oferecem novas perspectivas, desencadeando diálogos sobre poder, política, ética e estética.

Além disso, as imagens, sejam pinturas, esculturas, fotografias ou obras digitais, cristalizam momentos históricos e constroem uma narrativa visual que pode ser lembrada e reinterpretada ao longo do tempo. Fotografias cuidadosamente selecionadas, pinturas encomendadas e monumentos erguidos são alguns exemplos de como as imagens configuram a ideia de poder e moldam a memória coletiva, muitas vezes apagando aspectos menos convenientes da narrativa histórica.

Por meio da manipulação de imagens, a ideia de poder e controle é muitas vezes exercida de maneira sutil para fins de propaganda, controle da informação e manipulação das massas. Corroboro com o pensamento do filósofo Michel Foucault quando problematiza o conceito de “microfísica do poder” compreendendo-o como algo que opera de maneira sutil, muitas vezes exercido por meio de práticas disciplinares e mecanismos de controle presentes em instituições como escolas, hospitais, prisões e locais de trabalho, visando regular o comportamento das pessoas e moldar suas identidades de acordo com normas sociais específicas e alerta que “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 1988, p. 89).

As relações entre poder e controle, na perspectiva de Foucault (1987) também estão presentes quando o autor desenvolve a noção de biopoder, que se refere ao poder exercido sobre os corpos e a vida das pessoas, envolvendo questões como

saúde, sexualidade, reprodução e população. “O conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (Foucault, 1977, p. 3).

O autor argumenta que o biopoder se manifesta através de instituições e práticas que buscam regular e controlar os aspectos biológicos e sociais da vida das pessoas. Explora ainda a ideia de "dispositivos de poder-saber", referindo-se às estruturas através das quais o conhecimento é produzido e disseminado em conexão com práticas de poder problematizando como os sistemas de conhecimento moldam nossa compreensão da realidade e como as relações de poder influenciam a produção desse conhecimento. “Poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 1987, p.31).

Aproximando as contribuições do autor com o objeto dessa pesquisa, a seleção de quais imagens são exibidas, omitidas ou o modo como serão contextualizadas, oferecem uma plataforma para direcionar o olhar do público e, conseqüentemente, influenciar a compreensão e interpretação dos eventos.

A conexão entre a análise de imagens e as teorias de Foucault sobre o poder, controle e biopoder se torna ainda mais evidente quando aplicada à prática da iconografia⁷ e os estudos da estética. A manipulação de imagens, seja na publicidade, na política ou na mídia, não é apenas uma manifestação da microfísica do poder, mas também uma expressão do biopoder, na medida em que busca influenciar não apenas o comportamento, mas também as percepções e entendimentos das pessoas sobre questões fundamentais da vida. Através da estética visual, os dispositivos de poder-saber operam de forma sutil, moldando não apenas o que vemos, mas também como interpretamos o que vemos. A seleção de símbolos e composições visuais não ocorre apenas como uma escolha estética, mas uma estratégia de poder que busca direcionar o olhar do público e influenciar a compreensão e interpretação dos eventos. Assim, a análise crítica das imagens é relevante para compreender as dinâmicas de poder e controle que permeiam nossa sociedade, como Foucault argumentou.

⁷A iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma.” (Panofsky, 2007, p.47)

A iconografia e os estudos da estética tornam-se ferramentas hábeis para estabelecer conexões com o público, influenciando a maneira como percebemos eventos, figuras e ideologias. Através da seleção cuidadosa de símbolos, cores e composições visuais, os criadores podem mobilizar emoções específicas e transmitir mensagens complexas sem a necessidade de palavras. A utilização de ícones reconhecíveis ou imagens marcantes podem transcender as barreiras linguísticas e culturais, alcançando um público global em escala.

No contexto contemporâneo, a interação entre arte, imagem e poder é ainda mais complexa com o advento das mídias digitais e das redes sociais. A disseminação instantânea de imagens e produções artísticas permite um alcance global sem precedentes, criando percepções e formando opinião em questão de segundos. No entanto, também surgem desafios significativos, como a disseminação de informações falsas e a manipulação de imagens para fins enganosos. A crescente democratização da criação e compartilhamento de imagens, impulsionada pelas plataformas digitais, cria um ambiente onde a fronteira entre autenticidade e falsificação se torna cada vez mais tênue. Essa interação levanta questões pertinentes sobre ética, responsabilidade e o impacto social das mensagens compartilhadas se fazendo necessário uma análise mais profunda e crítica sobre aquilo que nos é transmitido.

A análise crítica das representações visuais também nos permite explorar a forma como as imagens são utilizadas para construir narrativas históricas e políticas. A seleção de imagens em livros didáticos, exposições culturais e meios de comunicação desempenha um papel crucial na construção da memória coletiva e na definição de identidades culturais. Pois, por meio da produção artística e da criação de imagens, questões de poder, dominação, resistência e identidade são constantemente negociadas e representadas. Um dos fundamentos teóricos que pode esclarecer essa interação é a teoria do olhar, desenvolvida por pensadores como John Berger. O autor argumenta que a forma como olhamos para as imagens e a maneira como elas nos são apresentadas estão profundamente enraizadas nas estruturas de poder e nas convenções sociais, uma vez que “a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos” (BERGER, 1999, p.10).

Neste contexto, dedico-me em um estudo teórico que aborda as interseções entre a arte, a imagem e as relações de poder e controle, com foco primordial nas teorias da arte e na estética em uma perspectiva filosófica. Analisarei casos que exemplificam a maneira como representações artísticas foram marcadores de

períodos históricos, assim como exemplos contemporâneos de obras que seguem com um mesmo padrão, casos que flutuam desde a famosa pintura Guernica de Pablo Picasso, às reinterpretações de figuras religiosas por artistas contemporâneos, até mesmo a utilização de símbolos com intuitos diversos como em manifestações e protestos populares com cartazes, símbolos e performances artísticas para expressar resistência contra o poder estabelecido ou a utilização desses suportes para propaganda política e cartazes de campanha utilizados para influenciar a opinião pública e conquistar o poder. Problematizarei assim, como os artistas respondem e resistem às estruturas de poder por meio de suas obras, e como essas produções podem ser cooptadas ou reinterpretadas para servir a agendas políticas específicas.

Em suma, a relação entre arte, imagem e poder está presente ao longo do tempo refletindo as dinâmicas da sociedade. Através das expressões artísticas, da construção de imagens e do exercício do poder, emergem significados que podem unir ou dividir, questionar ou moldar, resistir ou conformar. À medida que se explora as interconexões desses elementos, é possível perceber um panorama de percepções, manipulações e transformações. Arte, imagem e o poder se entrelaçam, refletindo um movimento complexo de influências e significados. Essa interligação nos leva a descobrir, onde a arte transcende limites linguísticos, as imagens constroem memórias coletivas e o poder opera nas entrelinhas da sociedade.

Nesse ínterim, discorro na seção seguinte questões relacionadas a imagem, a iconografia e o simbolismo presentes nas imagens.

2.1 IMAGEM, ICONOGRAFIA E SIMBOLISMO

Neste primeiro subcapítulo, adentro no universo da imagem, explorando como ela está intrinsecamente ligada à arte, ao poder e à construção de significados culturais. Desde uma definição básica de imagem até o impacto que ela exerce em nossa sociedade.

A imagem, em seu sentido mais elementar, pode ser compreendida como uma representação visual de algo, seja com contorno figurativo ou abstrato. No entanto, sua definição transcende o mero registro visual e se estende para o âmbito das sensações, das emoções e da construção de significados. A imagem é uma linguagem visual que pode falar ao coração e à mente de maneira profunda e imediata, muitas vezes escapando das barreiras linguísticas e culturais.

Como já mencionado, a imagem não se limita à mera visualização, pois pode evocar emoções, transmitir mensagens complexas e carregar significados profundos. Na arte, a imagem é a matéria-prima principal, mas sua influência vai muito além das galerias e museus, alcançando a política, a publicidade, a mídia e outros aspectos da sociedade, problematizada e investigada pelos estudos da cultura visual. Para Leonor Areal (2012, p.60):

Uma imagem é sempre uma representação de qualquer outra coisa. Ou seja, não podemos abrir a janela, olhar a paisagem e dizer «que bela imagem». Porque o que temos à nossa frente é a própria coisa. Uma imagem será, sempre, um processo de mediação: uma representação (a imagem) de um referente (a coisa).

Como já mencionado nas linhas iniciais deste capítulo, a iconografia é o estudo das imagens e de seus significados simbólicos. Ela analisa como os símbolos e elementos visuais são usados em obras de arte, mídia e cultura para transmitir mensagens e construir narrativas. A iconografia pode revelar muito sobre a cultura e a sociedade de uma época, pois os símbolos e imagens evoluem e adquirem novos significados ao longo do tempo. Por exemplo, uma determinada cor pode significar algo em uma cultura, mas em outra pode ter um significado diferente, ou até mesmo não existir. A importância da iconografia vai muito além do estudo de símbolos e elementos visuais isolados, é compreender a importância desses símbolos e elementos em determinadas culturas e sociedades, a sua utilização e manipulação, para assim, desenvolver uma compreensão, mais ampla e minuciosa quando se

observa esses atributos, sem deixar tomar-se pela parcial análise de uma ideologia comum e imperativa. Um aspecto fundamental desse campo de pesquisa envolve a análise das cores e sua aplicação na comunicação visual, para isso, utiliza-se a teoria das cores para desempenhar um papel relevante na interpretação de como estas são usadas para construir mensagens e influenciar as emoções do público, pois dentro da iconografia, as cores podem influenciar a elaboração e compreensão de imagens e símbolos. Por exemplo, a cor vermelha frequentemente é associada à paixão, ao amor e à energia em muitas culturas ocidentais. No entanto, em algumas culturas asiáticas, como a cultura chinesa, o vermelho também é um símbolo de boa sorte e prosperidade, o que no ocidente com frequência seria tratado com relação à cor amarela. Isso ilustra como a interpretação das cores pode variar significativamente de uma cultura para outra. Além disso, é importante considerar que algumas cores podem não existir em determinadas culturas ou podem ter significados muito diferentes, como cita Tábata Bergonci, em seu artigo *Azul é a cor mais... inexistente!* “existem evidências de que, até os tempos modernos, seres humanos não viam a cor azul!” (2018, p. 01).

Entende-se então que a interpretação das cores varia conforme o contexto cultural. Destaco a importância de considerar esse aspecto ao analisar a iconografia e da necessidade do estudo das cores e seus significados a considerar as múltiplas culturas, nuances e diversidades de imagens (de arte ou não) de modo a contribuir em nossa compreensão sobre os fatores internos e contextuais nas quais as imagens são produzidas. Desta forma, a iconografia não só nos ajuda a reconhecer os símbolos visuais, mas também a compreender a diversidade cultural e a complexidade das mensagens visuais em um mundo cada vez mais globalizado.

Como pilar da análise iconográfica há o simbolismo, que nada mais é do que a prática de usar símbolos para representar conceitos, ideias ou sentimentos. Sendo estes símbolos, elementos visuais que têm um significado mais profundo e muitas vezes culturalmente compartilhado, podendo muitas vezes, serem usados para comunicar de forma mais eficaz do que palavras. Porém, por mais que sejam muitas vezes de um significado compartilhado, um mesmo símbolo pode possuir diferentes significados ao redor do mundo. Um exemplo simples é o símbolo de uma caveira, que possui diversos significados, desde bons à ruins, significando morte e perigo em muitas culturas, mas desempenhando um papel significativo na cultura mexicana, especialmente durante a celebração do *Día de los Muertos* (Dia dos Mortos) (imagem

02), na tradição mexicana, onde a caveira é conhecida como *calavera* e é frequentemente vista de forma positiva, representando a vida e a proteção contra os maus espíritos, invés de ter uma associação contrária.

Imagem 02 – Mulher vestida de Catrina para celebração de *Dia de Los Muertos* no México.



Fonte: Foto BBC News

A relação entre imagem e arte é uma das mais antigas e intrínsecas da história da humanidade, desde as pinturas rupestres das cavernas pré-históricas até as instalações artísticas contemporâneas, a arte tem se ocupado em criar imagens que transcendem o tempo e a cultura. No senso comum, a imagem é frequentemente associada à estética, à beleza e à expressão artística. No entanto, a questão teórica da imagem na arte é muito mais profunda.

Byung-Chul Han, filósofo contemporâneo, nos convida a refletir sobre a associação entre o belo e o bom na sociedade atual. Muitas vezes, temos a tendência de considerar belo aquilo que nos é apresentado como tal, e esse conceito de beleza muitas vezes se confunde com o que é bom e justo. Dentro do contexto da imagem, isso se torna particularmente relevante, uma vez que a estética desempenha um papel central na criação de imagens que nos são apresentadas. Como Han observa, "uma

figura é bela quando ela a corresponde, feia, em contrapartida, quando dela se aparta.” (2019. p. 70)

A sociedade contemporânea é permeada por imagens cuidadosamente construídas, as quais, frequentemente nos induzem a associar o que é visualmente atraente ao que é moralmente correto, criando uma conexão entre a estética e a ética. As redes sociais, por exemplo, são espaços onde as pessoas moldam ativamente suas imagens, compartilhando apenas aspectos selecionados de suas vidas e construindo narrativas pessoais que podem influenciar a percepção pública. A imagem, portanto, não é apenas uma representação visual, mas também um veículo de valores e ideologias que contornam a nossa compreensão do mundo. Esta relação entre o belo e o bom, conforme Byung-Chul Han, nos lembra, desafiando nossa capacidade de discernir entre o que é genuinamente belo e o que é meramente uma construção superficial.

Além disso, a relação entre imagem e poder não se limita apenas à esfera individual. No âmbito político e institucional, a imagem desempenha um papel crucial na construção da confiança e na consolidação de autoridade. Líderes políticos e organizações, frequentemente investem na criação de uma imagem pública favorável para ganhar o apoio da sociedade e garantir a legitimidade de suas ações. Essa interconexão entre imagem, poder e influência revela como a estética e a política estão entrelaçadas na sociedade contemporânea. Dessa forma, a imagem também desempenha um papel significativo na manutenção de posições sociais. Em uma era em que a exposição pública e a visibilidade são altamente valorizadas, a construção de uma imagem pessoal ou institucional pode ser decisiva para o que se entende por sucesso e influência.

Walter Benjamin, em seu ensaio seminal, "A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica" explora a transformação da arte e da imagem na era da reprodutibilidade técnica, destacando a tecnologia, como a fotografia e o cinema, alteraram fundamentalmente a natureza da imagem e sua relação com o poder. Benjamin argumenta que a reprodução técnica da arte desvincula a obra de arte de sua aura original, tornando-a mais acessível e suscetível a manipulações políticas e comerciais. Isso tem implicações na maneira como a imagem é usada como instrumento de poder, pois a capacidade de reprodução em massa permite a disseminação de imagens que podem tanto consolidar quanto subverter estruturas de poder existentes, como por exemplo, como cita Walter Benjamin:

A humanidade, que em Homero fora um dia objeto de contemplação para os deuses olímpicos, tornou-se objeto de sua própria contemplação. Sua autoalienação atingiu tal grau que se lhe torna possível vivenciar a sua própria aniquilação como um deleite estético de primeira ordem. Assim, configura-se a estetização da política operada pelo fascismo. A ele o comunismo responde com a politização da arte. (2013, p. 99)

No âmbito da arte e da imagem, a estética desempenha um papel crucial na maneira como percebemos o mundo ao nosso redor. A beleza visual muitas vezes é interpretada como uma representação do que é bom e justo, influenciando nossos julgamentos e valores. A sociedade contemporânea, inundada por uma profusão de imagens cuidadosamente construídas, nos leva a associar o que é esteticamente atraente ao que é moralmente correto. As redes sociais, por exemplo, são espaços onde as pessoas moldam ativamente suas imagens, compartilhando apenas aspectos selecionados de suas vidas e construindo narrativas pessoais que podem influenciar a percepção pública. A imagem, portanto, transcende seu status de mero registro visual, tornando-se um veículo de valores e ideologias que moldam nossa compreensão do mundo.

Na próxima seção aprofundo a investigação sobre como os artistas utilizam a estética como uma ferramenta que dá vida a narrativas visuais, explorando como a escolha de formas, cores, técnicas e estilos desempenha um papel fundamental na construção de mensagens que provocam diálogos sobre poder, política, ética e beleza.

2.2 A ARTE E A ESTÉTICA NA CRIAÇÃO DE NARRATIVAS

A arte é uma presença constante em nossas vidas, permeando quase todos os aspectos da sociedade. Desde a publicidade, nas ruas, nas músicas que ouvimos, nas séries e filmes que assistimos e nas obras de arte em museus. A expressão artística está entrelaçada com nossa existência cotidiana; ela reflete a cultura, os valores e as preocupações de uma sociedade em um determinado momento histórico; com uma mensagem, muitas vezes não tão clara, mas sempre presente. Michel Foucault, em seu famoso ensaio "Isto não é um cachimbo" (em que reflete sobre a famosa obra de René Magritte: *Les Deux mystères* (os dois mistérios) (Imagem 03)) nos lembra que a representação artística não é a coisa em si, mas uma interpretação dela. Em *Pintar não é afirmar*, analisando a obra, Foucault esclarece:

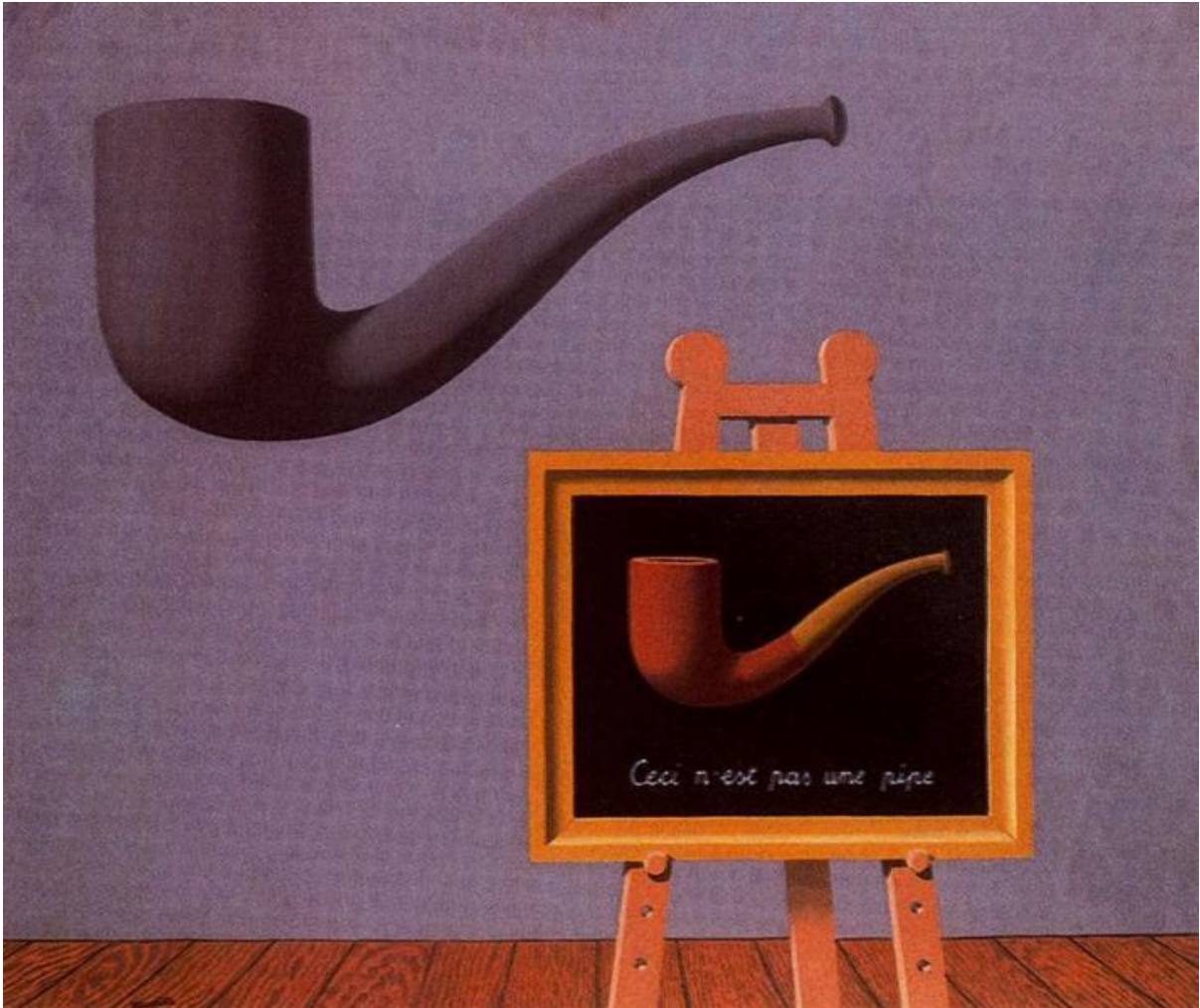
Magritte liga os signos verbais e os elementos plásticos, mas sem se outorgar, previamente, uma isotopia; esquiva o fundo de discurso afirmativo, sobre o qual repousava tranquilamente a semelhança: e coloca em jogo puras similitudes e enunciados verbais não-afirmativos, na instabilidade de um volume sem referência e de um espaço sem plano (1988, p. 76).

Essa reflexão levanta a seguinte problematização: Até que ponto a interpretação da arte como uma representação que não é a coisa em si, mas uma interpretação dela (a imagem), pode influenciar nossa compreensão da realidade e da própria arte?

Uma pintura de um cachimbo não é um cachimbo real, mas uma representação visual que nos leva a pensar sobre a natureza da representação, da linguagem e da percepção. A arte, desta forma, não apenas reflete o mundo, mas também cria novas narrativas, influenciando a forma como vemos e entendemos o que nos cerca. Nos convida a questionar as convenções e as normas estabelecidas, desafiando nossas percepções preexistentes.

Desta forma, ao reconhecer que uma pintura de um cachimbo não é um cachimbo real, mas uma representação simbólica, somos levados a refletir sobre como as nossas próprias percepções são construídas através de signos e símbolos. Deixando claro como há complexidade na representação e que a realidade não é algo simples e objetivo, mas sim algo que é construído e interpretado de diversas maneiras nos lembrando que a arte não é apenas uma expressão estética, mas também uma forma de conhecimento e questionamento.

Imagem 03 - *Les Deux Mystères* (Os dois mistérios) – 1966 - René Magritte



Fonte: MAGRITTE, René (1966)

No entanto, surge outra problemática: A de que o acesso à arte nem sempre é igualmente distribuído. Um fator direto nessa questão é a elitização da arte, em que algumas formas de expressão artística são consideradas mais valiosas ou dignas de reconhecimento do que outras; museus, teatros e galerias muitas vezes têm preços de entrada elevados, tornando-os inacessíveis para muitos; e assim surge a ideia de que “arte é coisa de rico”. Isso levanta questões sobre quem tem o direito de se envolver com a arte e por que o pobre é excluído desse diálogo cultural.

A elitização da arte não se limita apenas ao acesso físico, mas também à apreciação. Certas formas de arte são consideradas eruditas, enquanto outras são menosprezadas. Toda essa elitização cria divisões na sociedade, reforçando hierarquias culturais e impedindo a apreciação artística, ocorrendo assim desde as pinturas renascentistas que eram frequentemente encomendadas por nobres e

igrejas, inacessíveis ao público em geral. Obras de artistas como Leonardo da Vinci e Michelangelo eram consideradas altamente valorizadas, enquanto formas de expressão artística populares, como a arte folclórica, eram frequentemente menosprezadas. Por outro lado, é de extrema importância que haja resistência, a arte contra a elitização pode ser exemplificada pelo movimento artístico conhecido como Arte de Rua ou *Street Art*. Artistas como Banksy (dos mais famosos) desafiaram as normas tradicionais da galeria, um exemplo famoso de uma de suas ações em crítica ao tradicionalismo, ocorreu quando a sua pintura em spray *Girl With Balloon* (Garota com Balão) (imagem 04), imediatamente após ser leiloada, passou por um triturador que estava escondido dentro da própria moldura da obra, assim, sendo parcialmente destruída. Banksy critica também a elitização da arte ao democratizar o acesso a ela, quando cria obras em espaços públicos acessíveis a todos, utilizando estêncil⁸ em muros e paredes que muitas vezes passam despercebidos (imagem 05). Desta forma, a arte busca abordar questões sociais e políticas, envolver um público mais amplo, democratizando a arte e trazendo uma quebra ao conservadorismo elitista.

No entanto, a relação entre arte e o poder (da elite) também desempenham um papel fundamental na compreensão da influência da arte na sociedade. A arte pode ser usada como um meio de expressar resistência, desafiando as estruturas de poder estabelecidas. Ao mesmo tempo, ela pode ser cooptada ou instrumentalizada pelo poder político ou econômico para fins de propaganda, manipulação ou controle da narrativa pública.

⁸ Segundo o site “Conceito.de”: “o termo estêncil, que provém do termo inglês “stencil” reporta-se para a técnica e o resultado de estampar algo por meio de uma prancha que apresenta um desenho já recortado. O processo consiste em lançar a tinta através do recorte: deste modo, fica estampada a forma da prancha.” Equipe editorial de Conceito.de. (2 jun. 2016). Atualizado: 28 out. 2022. Estêncil - O que é, conceito, características e origem. Conceito.de. Disponível em: <https://conceito.de/estencil> Acesso em: 15 out. 2023

Imagem 04 – Fotografia de divulgação de *Girl With Balloon* (Garota com Balão) sendo triturada – 2018 – Sotheby's



Fonte: Foto Divulgação/Sotheby's (2018)

Imagem 05 – *Stop and Search* (Pare e Procure) – Banksy – Mural na Palestina - 2013



Fonte: Banksy, *Stop and Search*, 2013.

A história está repleta de exemplos de como a arte foi usada tanto para contestar quanto para apoiar regimes autoritários, governos democráticos e movimentos de resistência. Durante o período do apartheid na África do Sul, artistas como Miriam Makeba e Gerard Sekoto usaram sua arte como uma ferramenta de resistência. A música de Makeba e as pinturas de Sekoto se tornaram símbolos de luta contra a segregação racial, desafiando as estruturas de poder estabelecidas. Por outro lado, a Alemanha nazista sob o governo de Adolf Hitler demonstra como a arte

pode ser cooptada para servir aos interesses do poder político autoritário. Leni Riefenstahl (cineasta) produziu obras cinematográficas que glorificavam o regime nazista, promovendo sua ideologia por meio de imagens e filmes. Esse exemplo ressalta como a arte pode ser instrumentalizada para fins de propaganda, manipulando a narrativa pública e consolidando o poder de regimes autoritários. Esses dois casos históricos oferecem uma visão que deixa claro a capacidade da arte de tanto desafiar quanto apoiar estruturas de poder, dependendo do contexto e dos propósitos de seus criadores.

O uso da arte para a criação de narrativas, criando imagens positivas de figuras públicas, tanto no contexto político quanto na vida cotidiana, nos é apresentado muitas vezes por meio de homenagens, como monumentos, nomes de ruas e praças. Geralmente direcionadas a pessoas ricas, influentes, ou que ocupam uma posição social dominante (raramente o contrário). No âmbito político, essa estratégia é usada para ganhar apoio popular, destacando realizações positivas por meio de discursos e propagandas. No dia-a-dia, a exaltação de personalidades pode ser observada em uma rápida pesquisa na internet ou mesmo em uma deriva pelas cidades. Parques, escolas, hospitais, monumentos, equipamentos culturais, etc, frequentemente são “batizados” por governantes (executivo e/ou legislativo) como forma de homenagem e perpetuação do que tal homenageado representa ou representou na história daquela cidade ou país.

Essa tendência, no entanto, levanta questões sobre representatividade na escolha de quem é homenageado e como a construção de imagens públicas afeta a percepção das pessoas sobre essas figuras. Um caso que tomou certa repercussão, por conta de sua condição contraditória, aconteceu na cidade de Nova Veneza (cidade de muitos imigrantes italianos, em Santa Catarina), onde uma praça com o nome de *Piasa Natale Cora*⁹ (praça Natale Coral) (imagem 06) foi construída no ano de 2020 em pleno advento da pandemia de Covid-19. Natale foi conhecido como bugreiro¹⁰ (indivíduos especializados em dizimar aldeias inteiras de povos originários, conhecido

⁹ ENGEPLUS. "A Polêmica da praça em Nova Veneza". Engeplus, Santa Catarina, 21 fev. 2021. Disponível em: <https://www.engeplus.com.br/noticia/bastidores/2021/a-polemica-da-praca-em-nova-veneza>. Acesso: 10 out. 2023.

¹⁰ Segundo o portal da câmara dos deputados, Bugreiros são: “Os indivíduos especializados em atacar e dizimar aldeias inteiras, eram contratados pelos governos imperiais das províncias do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.”. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/quem-sao-os-xokleng-os-indigenas-que-podem-mudar-a-trajetoria-juridica-das-demarcacoes>. Acesso em: 08 out. 2023.

por muitas famílias como “bugreiros”). Natale foi personificado em um representativo memorial ao centro da praça de Nova Veneza (imagem 07¹¹), que por “ironia”, na parte superior e em sentido vertical possui uma baliza topográfica¹² em forma de flecha que, em teoria, deveria representar o povo indígena que vivia naquelas terras. Assim, o monumento o reconhecendo como herói, mesmo tendo em sua história inúmeros assassinatos, que aos olhos de muitos, foi uma forma de “defesa” da comunidade de bem, de higienização de corpos e povos. Um crime humanitário. Um bugreiro, que por mando de imigrantes italianos, tomou as terras indígenas após matá-los. Essa situação reflete com clareza o que ocorre em diversas regiões do Brasil (assim como citado na Introdução, no caso da estátua de Borba Gato), a glorificação através da disseminação de obras de figuras que não fazem jus a tal; assim, apagando a história e criando imagens positivas (quando não deveriam) de figuras deploráveis afetam sobremaneira a percepção do observador sobre as narrativas que permeiam a imagem.

A arte não é apenas uma linguagem de expressão individual, mas também um espelho da sociedade, refletindo as dinâmicas de poder, política e cultura. Ao explorar a arte e a estética na criação de narrativas, encontra-se um universo de significados e interpretações, onde a expressão artística e a estética visual questionam e desafiam nossas percepções e entendimentos do mundo que nos cerca. Em suma, entende-se que a arte influencia e reflete nossas culturas, valores e percepções. Com isso em mente, percebe-se a necessidade de aprofundar a investigação em explorar como as estruturas de poder influenciam a produção, disseminação e interpretação de imagens em nossa sociedade, tema esse que será tratado no texto seguinte.

¹¹ Disponível em: <https://www.portalvенеza.com.br/piasa-natale-coral-2/> Acesso em: 15 out. 2023.

¹² Segundo o Museu de Topografia da UFRGS, a Baliza topográfica ou mira: “são utilizadas para manter o alinhamento, na medição entre pontos, quando há necessidade de se executar vários lances”. Disponível em: <https://igeo.ufrgs.br/museudetopografia/index.php/equipamentos/275-baliza-topografica> Acesso em: 15 out. 2023.

Imagem 06 - Piasa Natale Coral - Bairro Eliza - Nova Veneza – SC – jun. 2023



Fonte: Imagem extraída do Software Google Street View® em 15 out. 2023

Imagem 07 – Monumento da Piasa Natale Coral – Imagem de projeto - 2020



Fonte: Portal Veneza, 2020.

2.3 ESTRUTURAS DE PODER E A PRODUÇÃO DE IMAGENS

Conforme mencionado nas páginas iniciais deste capítulo, Michel Foucault nos convida a considerar o poder não como uma entidade monolítica, mas como algo que permeia todas as esferas da vida social. O poder não está limitado apenas a instituições governamentais, mas se estende a instituições educacionais, de saúde, trabalho e outros aspectos da sociedade. Em *Corpos Dóceis*, Foucault (2004), discorre sobre o objetivo dos sistemas disciplinares do biopoder que consistem na produtividade e na “docilização dos corpos”, onde esse corpo é útil quando é doce, mecânico, sem sensações e expressões. Ainda, para Foucault (2004), a disciplina é manifestada nas escolas, nas indústrias, nos hospitais, nas forças armadas e nas prisões, como intenção de exercer poder e produzir sujeitos capazes de funcionar como engrenagens na nova sociedade. Como isso se relaciona com a produção de imagens?

Foucault nos apresenta a ideia de que o poder também está intrinsecamente relacionado ao corpo humano. No entanto, sabemos que muitas relações de poder se constituem no corpo, pois “o poder encontra-se no próprio corpo” (FOUCAULT, 1998, p. 147), o corpo é uma superfície onde o poder é exercido e inscrito. A forma como o corpo é representado nas imagens e na mídia desempenha um papel crucial na construção de normas e padrões sociais. As imagens podem influenciar a maneira como percebemos e valorizamos os corpos, contribuindo para a construção de normas de beleza, gênero e sexualidade. Pois, para Foucault (1987) “um corpo manipulado é um corpo útil” (FOUCAULT, 1987, p. 181) para o sistema capitalista e para diversas instituições, como hospitais, escolas, prisões e Estado, tema que tratarei mais a frente nesse capítulo.

Nesse contexto, a mídia desempenha um papel central na padronização do corpo. Ela reproduz e reforça imagens que se encaixam nas normas sociais e econômicas estabelecidas. Isso pode ser observado na publicidade, na indústria do entretenimento e nas redes sociais, onde corpos que se desviam das normas são muitas vezes marginalizados ou estigmatizados; e a mídia contribui para a criação e manutenção dessas normas, influenciando a maneira como as pessoas percebem seus próprios corpos e os dos outros.

Aqui, podemos relacionar diretamente com a obra "Microfísica do Poder" de Michel Foucault. Em "Microfísica do Poder", Foucault explora como o poder não é

apenas exercido de forma maciça e visível por instituições dominantes, mas também de maneira sutil e disseminada em todos os aspectos da vida cotidiana. Essa perspectiva microscópica do poder se relaciona diretamente com a produção de imagens, pois mostra como as normas e o poder se infiltram em nossa cultura visual de maneira quase imperceptível. Essa microfísica do poder é evidente nas pequenas interações, práticas disciplinares e mecanismos de controle que moldam nossas vidas. A produção de imagens desempenha um papel significativo nesse processo, pois as imagens são frequentemente usadas para reforçar normas sociais e moldar a identidade das pessoas de acordo com essas normas. Como por exemplo, para racialização e manutenção de estereótipos raciais: As imagens na mídia perpetuam estereótipos, reforçando estruturas de poder relacionadas à raça. Por exemplo, a representação de pessoas de grupos étnicos minoritários de maneira estereotipada pode contribuir para a discriminação racial e a marginalização. Outro exemplo seria, a documentação de protestos: durante protestos e movimentos sociais, a produção de imagens desempenha um papel fundamental na visibilidade e na influência desses eventos, podendo a mídia ser usada para criar narrativas que moldam a percepção pública sobre as demandas dos manifestantes, mesmo aquilo não sendo o real objetivo da manifestação.

O filósofo também nos apresenta a ideia de "dispositivos de poder-saber," referindo-se às estruturas por meio das quais o conhecimento é produzido e disseminado em conexão com práticas de poder. Isso questiona como os sistemas de conhecimento estruturam nossa compreensão da realidade e como as relações de poder influenciam a produção desse conhecimento. A produção de imagens frequentemente está interligada com esses dispositivos de poder-saber, influenciando a maneira como vemos o mundo e interpretamos eventos e se revela influente na esfera da política e do controle social.

Por exemplo, a vigilância por câmeras de segurança e a coleta de dados por meio de imagens são aspectos intrínsecos das sociedades contemporâneas. Essa constante vigilância visualiza a população e, por conseguinte, exerce um controle sobre seus movimentos e comportamentos, mesmo quando não estamos cientes disso. Além disso, a disseminação de imagens em plataformas de mídia social cria um espaço onde as pessoas são incentivadas a se autovigiar, controlando suas ações de acordo com as expectativas impostas pela sociedade. Isso levanta questões sobre a privacidade e a liberdade individual em um mundo saturado de imagens.

À medida que exploramos mais profundamente a intersecção entre as imagens e o poder, torna-se evidente que a influência das imagens vai além do âmbito do entretenimento e da comunicação visual. Elas estão inextricavelmente ligadas aos mecanismos de poder que moldam nossa sociedade e nossas vidas diárias.

No contexto do capitalismo, a produção de imagens muitas vezes está vinculada à elite econômica. Grandes empresas de mídia e publicidade exercem influência significativa na produção e disseminação de imagens, promovendo certos valores e interesses comerciais. Isso pode levar à homogeneização da cultura visual e à concentração do poder nas mãos de poucos. Nesse sentido, é essencial compreender como a influência da elite econômica na produção de imagens não apenas molda nossa cultura visual, mas também perpetua desigualdades sociais ao promover ideias que favorecem seus próprios interesses.

Um exemplo ilustrativo da relação entre poder e imagem na contemporaneidade é observado nas eleições de 1989, que ocorreram no Brasil após o período de ditadura militar. A mídia desempenhou um papel crucial na construção da imagem de candidatos políticos e na formação de opinião pública. As estratégias de imagem desempenharam um papel significativo na política, demonstrando como elas podem ser usadas para influenciar o resultado de eleições e, conseqüentemente, o exercício do poder político. Isso evidencia que a manipulação de imagens pode ser uma ferramenta potente nas mãos daqueles que buscam consolidar seu poder e influência, destacando a importância de uma análise crítica das imagens em contextos políticos.

Corroborando para que este ponto seja ilustrado, em novembro de 2011, o então diretor da TV Globo (maior emissora aberta de televisão brasileira) José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (mais conhecido como “Boni”) admitiu¹³ que houveram manipulações nos debates políticos entre os então candidatos à Presidência da República: Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello, este último que viria a ser o então eleito presidente. Em entrevista, Boni dá detalhes sobre a noite do debate, este que teve uma repercussão fundamental para a vitória no segundo turno de Collor, deixando claro como a mídia, mesmo há décadas atrás, sempre foi decisiva

¹³ PRAGMATISMO. “Após 22 anos, Boni admite que Globo armou contra Lula para eleger Collor” Pragmatismo Político, João Pessoa, 29 nov. 2011. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/11/apos-22-anos-boni-admite-que-globo.html> Acesso: 10 out. 2023

na edificação da imagem de quem está (ou irá chegar, neste caso) ao poder e na composição do senso popular.

Dessa forma, é possível correlacionar diretamente (trazendo mais à contemporaneidade) com uma das últimas eleições presidenciais que ocorreram no Brasil, neste caso as de 2018, também coberta pela mídia, assim como todas a partir de 1989. Surge a partir daí um elemento importante para a construção da imagem de quem foi constituído o usufruto do poder: as *Fake News*, retomando assim esse assunto tratado na introdução deste trabalho, destacando como a disseminação de informações falsas podem ser usadas como ferramentas de manipulação da percepção do público e influenciar o resultado das eleições, consolidando ainda mais a interligação entre imagens, poder e política. Durante a corrida eleitoral de 2018, observou-se a disseminação deliberada de informações falsas nas redes sociais, visando difamar candidatos e distorcer realidades. Essas notícias falsas muitas vezes exploravam preconceitos e polarizações políticas, intensificando ainda mais as divisões na sociedade. Elas eram frequentemente disfarçadas como notícias legítimas, tornando desafiador para o eleitor médio discernir a verdade da ficção.

Isso se agrava com o fato de que as redes sociais desempenharam um papel significativo na disseminação das *Fake News*, onde muita informação falsa era divulgada e compartilhada sem que houvesse uma verificação confiável do que estava sendo divulgado. Grupos organizados utilizaram estratégias de desinformação para promover seus candidatos, alimentando a desconfiança em relação às instituições e minando a credibilidade do processo eleitoral, ao ponto de afirmação de que as urnas eletrônicas não seriam confiáveis. O uso da inteligência artificial por meio de algoritmos, robôs e perfis falsos mobilizam substancialmente a dimensão e velocidade na criação de narrativas e formação da opinião pública.

Desta forma, o uso de *Fake News* nas eleições de 2018 ilustra de maneira contundente e clara como as imagens, não apenas visuais, mas também aquelas construídas através de narrativas enganosas em outras linguagens, podem ser ferramentas potentes de influência política. Ressalto a importância crítica de uma análise profunda dessas imagens, informações e narrativas que encontramos em nosso ambiente político e midiático, bem como a necessidade de promover a responsabilidade na divulgação de informações nas redes sociais. Portanto, para entendermos melhor como as imagens e o poder estão interligados, é essencial

explorar como a indústria cultural contemporânea frequentemente promove valores e ideologias alinhados com o capitalismo.

O filósofo Mark Fisher introduz o conceito de "realismo capitalista," que se refere à forma como o capitalismo molda nossa percepção da realidade. Nesse contexto, a produção de imagens desempenha um papel importante na manutenção do poder. A cultura visual contemporânea muitas vezes promove valores e ideologias alinhados com o capitalismo, perpetuando a lógica do consumo e da busca incessante por lucro. Segundo Mark Fisher: "O capitalismo é o que sobra quando as crenças colapsam ao nível da elaboração ritual e simbólica, e tudo que resta é o consumidor-espectador, cambaleando trôpego entre ruínas e relíquias" (2020, p. 13)

Essa cultura visual interfere em nossa percepção da realidade ao normalizar ideias de sucesso baseadas na acumulação de bens materiais e na conformidade com padrões estéticos estreitos, reforçando assim as estruturas de poder que beneficiam os interesses econômicos dominantes. Portanto, a análise crítica das imagens é fundamental para desafiar o realismo capitalista e questionar as narrativas visuais que sustentam o sistema de poder vigente, abrindo espaço para uma compreensão mais diversa e autêntica da realidade.

Desde a análise da arte e estética na criação de narrativas até a compreensão das estruturas de poder e a produção de imagens, fica claro que esses temas estão interligados. Ao entender como as imagens são usadas para moldar a opinião pública, promover ideologias e reforçar normas sociais, estamos mais bem preparados para navegar em um mundo saturado de representações visuais. Ao questionar a relação entre arte, imagem e poder, continuamos a desvendar as complexas dinâmicas de nossa sociedade, contribuindo para uma compreensão mais profunda das forças que estruturam a nossa cultura e política, para que, assim, não se torne facilmente manipulável e tenha a compreensão daquilo que lhe é apresentado, tendo noção dos mecanismos e como estes são utilizados para disseminar ideologias e mantê-las intrínsecas no ideal comum, evitando desta forma a propagação de ideais preconceituosos e erroneamente de senso comum.

3 ÉTICA, ESTÉTICA, POLÍTICA E A ARTE CONTEMPORÂNEA

Ética, estética e política são temas em constante presença nas discussões filosóficas, sociológicas e artísticas. Compreender epistemologicamente o significado desta tríade e relacioná-las a arte contemporânea é o que se propõe este capítulo.

O campo da ética se preocupa com o estudo da moralidade e dos valores, e a estética, explora a natureza das sensações, percepções, gosto e juízo estético. Ética e estética se relacionam e se constituem dimensões fundamentais da existência humana. Ambas mantêm um relacionamento mútuo, mesmo que não tão claro à primeira vista, influenciando uma à outra, como cita Nadja Hermann em seu livro *Ética e estética: a relação quase esquecida*:

O breve esclarecimento conceitual sobre estética indica que sua relação com a ética não se desenvolve só como uma oposição ou de forma negativa, mas que, sobretudo a partir do conceito de gosto, a estética começa a influenciar a ética, de modo decisivo. (2005, p. 32)

Segundo a reflexão da autora, podemos refletir que a apreciação estética, moldada pelo gosto pessoal e pela experiência individual, influencia na formação de conclusões éticas pessoais. À medida que nos envolvemos com obras de arte, sejam elas visuais, sonoras ou literárias, nossa vivência estética nos instiga a refletir sobre questões de beleza, significado e valores. Essas reflexões estéticas muitas vezes nos conduzem a avaliações morais, uma vez que o julgamento estético não pode ser completamente desvinculado de nossos sistemas éticos pessoais. O ato de discernir o que consideramos esteticamente agradável ou repugnante frequentemente implica avaliações tácitas sobre o que é certo, errado, virtuoso ou questionável. Nesse sentido, a estética não apenas aprimora nossa capacidade de apreciar a arte, mas também se constitui como um local de exploração e consolidação de nossos fundamentos éticos, nos possibilitando uma imersão mais profunda nas conexões entre a sensibilidade estética e a formação de juízos morais.

Ao pensar ética e estética no contexto de algumas produções de arte contemporânea, é possível perceber uma dimensão ético-estética a partir da perspectiva em que as escolhas artísticas e a expressão criativa, problematizam mensagens éticas, questionam valores culturais e morais e desafiam nossa compreensão do belo. Ao mesmo tempo, a política emerge como um elemento crucial e central nesse diálogo, em que a arte contemporânea frequentemente serve como

uma potente linguagem para a expressão política e social, em que os artistas contemporâneos utilizam suas obras para abordar essas questões, denunciar e provocar reflexões. Portanto, interessa-me compreender e problematizar essas dimensões filosóficas que estão presentes em algumas produções de artistas contemporâneos, destacando como a ética e a estética servem como alicerces para a expressão política na criação artística. Conseqüentemente, compreendendo como a arte contemporânea se tornou um campo para a convergência de valores morais, expressão estética e intervenção política.

Artistas contemporâneos frequentemente exploram questões éticas urgentes, instigando os espectadores a encarar dilemas morais e sociais por meio de uma perspectiva estética, culminando em obras que não apenas tem destaque visual, mas possuem uma mensagem, promovendo uma reflexão crítica sobre questões políticas. O enfoque se deve à expandir os temas apresentados por estes artistas transbordando a leitura de análise formal e mimética das obras para além da forma concreta das produções. Portanto, a ética constitui-se num componente central dessa interconexão, por impulsionar artistas a tratar de temas cruciais, que exigem atenção e ação imediata, que variam de justiça social e direitos humanos a questões ambientais e igualdade de gênero; tendo no processo, a real necessidade de desafiar as normas éticas convencionais e questionar os valores sociais. A estética, por sua vez, desempenha seu papel na maneira como essas questões éticas são abordadas, a partir da escolha de técnicas, materiais e estilos estéticos, os artistas se permitem criar obras que são carregadas de significado político, sendo a estética contemporânea a experimentação, a fusão de diferentes mídias e a desconstrução de conceitos tradicionais de beleza.

Exposições de arte contemporânea tornaram-se espaços de diálogo e discussão política, onde a arte contemporânea pode renovar as nossas perguntas sobre as questões da vida, da mudança social, das estruturas de poder, e oferece uma plataforma para a expressão de resistência e crítica. Há desta forma, a necessidade por parte dos artistas contemporâneos de tratar essas complexidades das relações de poder, das tensões políticas e dos desafios éticos do nosso tempo.

A transformação da arte contemporânea em um campo de expressão e intervenção política é um processo com início que pode ser atribuído a vários fatores e momentos históricos. No início do século XX, movimentos artísticos como o Futurismo, o Dadaísmo e o Construtivismo buscaram quebrar com as convenções

artísticas tradicionais. Assim, não recebendo a cotação de vanguarda à toa, pois foi ali um dos inícios para a arte contemporânea se tornar um campo de expressão e intervenção. Artistas como Pablo Picasso com *Guernica*¹⁴ (uma de suas obras mais famosas (imagem 08)) utilizaram sua arte como linguagem para expressar posições políticas e sociais, abordando questões como a Guerra Civil Espanhola.

Imagem 08 – *Guernica* – Pablo Picasso - Pintura a óleo - 349 cm de altura por 776,5 cm comprimento – 1937.



Fonte: Wikiart, foto referência.

Assim como Picasso, muitos artistas do modernismo se envolveram em questões políticas e sociais em resposta a eventos históricos, como a Guerra do Vietnã e movimentos pelos direitos civis. Com a chegada da arte conceitual, por volta da década de 1950-1960, permitiu-se explorar temas políticos de forma mais abstrata e conceitual, fazendo utilização muitas vezes de símbolos (tema já explorado no capítulo anterior), metáforas e a própria experiência do espectador para transmitir mensagens políticas. Com advento da tecnologia ao passar dos anos, alguns deles decorrentes da própria guerra, como por exemplo a *Guerra Fria*¹⁵, há a globalização

¹⁴ “Guernica é uma obra do pintor espanhol e cubista Pablo Picasso. Ela retrata o bombardeio à cidade de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).” Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/guernica-de-pablo-picasso/#:~:text=Guernica%20é%20uma%20obra%20do,e%20foi%20produzida%20em%201937>. Acesso em: 22 out. 2023.)

¹⁵ A Guerra Fria foi um conflito político-ideológico que foi travado entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), entre 1947 e 1991. O conflito travado entre esses dois países foi responsável por polarizar o mundo em dois grandes blocos, um alinhado ao capitalismo e outro alinhado ao comunismo.

cultural, onde a disseminação da informação através da mídia cooperou para que a arte contemporânea se tornasse um campo ainda mais político, pelo fato de possibilitar com que artistas tivessem acesso a um público global e houvesse a possibilidade de influenciar debates políticos em escala internacional, assim, artistas frequentemente se envolviam em movimentos sociais e ativismo.

Em resumo, a arte contemporânea se tornou um campo de expressão e intervenção política devido a uma combinação de fatores históricos, sociais, culturais que permitiram aos artistas explorar e comunicar questões de maneiras variadas, um campo onde a interconexão entre ética, estética e política representa um testemunho da presença da arte na sociedade.

3.1 CONCEPÇÕES DE ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA

Compreender as concepções de ética, estética e política é fundamental e necessário para que se entenda a relação entre ética e estética na arte contemporânea, bem como o papel central da política como força motriz na criação artística. A dialética entre princípios éticos e expressão estética culmina em obras que estimulam reflexões morais e políticas, enquanto a política como motivação artística contribui para tensionar o curso da história e desafiar estruturas estabelecidas.

A ética pode ser considerada como uma “bússola” interna que orienta as ações e decisões dos artistas, levantando questões morais e sociais nos seus trabalhos, uma bússola que em seu cerne, refere-se aos princípios morais, adquiridos através do experiencial individual e transformados pela influência e fator externo sociocultural que cada um sofre, que orientam as ações e decisões dos artistas. Assim, para o filósofo Kant, a ética se baseava no dever, sendo ele a única motivação possível para a ética, a única motivação possível para uma ação moralmente correta. Desta forma, embora a liberdade criativa dos artistas contemporâneos seja altamente valorizada, a ética kantiana deixa claro como há responsabilidade moral na prática das ações e decisões dos artistas.

Já a estética manifesta-se na seleção de técnicas, materiais e estilos que estruturam a experiência com a obra, transformando-a em uma linguagem que lida

com a forma como os artistas contemporâneos escolhem expressar suas ideias. Kant também fez importantes contribuições à filosofia da estética, onde uma de suas citações mais relevantes para a concepção de estética em seu livro *Crítica da faculdade do juízo*, em *Do ideal da beleza*:

Não pode haver nenhuma regra de gosto objetiva, que determine através de conceitos o que seja belo. Pois todo juízo proveniente desta fonte é estético; isto é, o sentimento do sujeito e não o conceito de um objetivo, é seu fundamento determinante. Procurar um princípio do gosto, que forneça o critério universal do belo através de conceitos determinados, é um esforço infrutífero, porque o que é procurado é impossível e em si mesmo contraditório. (1995, p. 77)

Nessa passagem, Immanuel Kant discute a natureza do julgamento estético e a impossibilidade de se estabelecer regras objetivas para determinar o que é belo. O filósofo argumenta que o julgamento estético é subjetivo e baseado no sentimento do sujeito, e não em conceitos objetivos ou regras universais. Kant rejeita a ideia de que podemos estabelecer critérios racionais e objetivos para o belo por meio de conceitos determinados, como se estivéssemos aplicando regras matemáticas ou lógicas. Ao contrário disso, Kant enfatiza que a apreciação do belo depende do gosto subjetivo de cada indivíduo, e não pode ser reduzida a princípios universais ou conceitos claros. Portanto, critica a busca por um critério objetivo e universal de beleza, argumentando que tal esforço é infrutífero e contraditório, uma vez que a apreciação do belo é inerentemente subjetiva e não pode ser capturada por regras racionais ou conceitos determinados.

Nadja Hermann, filósofa contemporânea, por sua vez, destaca que a experiência estética nos instiga a refletir sobre questões do belo, significado e valores, e essas reflexões estéticas estão diretamente ligadas aos nossos sistemas éticos, numa relação de alteridade. Os dois autores (tanto Nadja quanto Kant) abordam a ideia de que a apreciação estética é um processo altamente subjetivo, permeado pela experiência individual e o modo como somos afetados por ela.

Dessa forma, na arte contemporânea, a relação entre ética e estética pode ser observada na produção de artistas e nas questões que lançam ao público a partir de suas poéticas. Mais do que a preocupação com a forma, há um apelo ao conceito, ao processo de criação e o modo como ele desloca e tensiona questões sociais, políticas, econômicas, culturais e artísticas.

A análise de como a ética e a estética muitas vezes colidem ou se complementam na produção artística contemporânea pode ser observada nas produções de alguns artistas contemporâneos. Ai Weiwei é um dos artistas que tem destaque sobre essas questões em suas obras, que exploram tensões ao criar esculturas e instalações que provocam uma resposta emocional imediata, mas também, estimulam a reflexão sobre questões de importância global. Um exemplo claro nesse contexto é a instalação *The law of the journey* (*A lei da viagem* (imagem 09)), uma obra criada por Ai Weiwei em 2017 na Galeria Nacional de Praga, na capital da República Tcheca. A peça consiste em um barco inflável de borracha preto com aproximadamente 70 (setenta) metros de comprimento, possuindo 250 (duzentos e cinquenta) bonecos infláveis em cima; um relato claro sobre as condições em que os refugiados são obrigados a enfrentar suas viagens. Ai Weiwei traz uma estética clara e direta, evocando uma empatia imediata que surge a partir da compreensão ética individual quando se considera as experiências traumáticas de terceiros.

Imagem 09 – *The Law of the Journey* (A Lei da Viagem) – Ai Weiwei – Instalação em Praga, capital da República Tcheca - 2017



Fonte: Foto divulgação, extraída do site Collater.al. Acesso em: 22 out. 2023.

Por conseguinte, a política está presente na motivação e pesquisa que constituem a produção artística. Como um dos principais pensadores quanto a esse tema, Walter Benjamin ao abordar as concepções de política na arte, na teoria cultural, estava interessado em explorar a relação entre a arte, a política e a história. Benjamin cunhou o conceito de "aura" da obra de arte em seu ensaio "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica" (publicado pela primeira vez em 1936, e posteriormente em 1955), onde argumentou que a aura é a qualidade única e irreplicável de uma obra de arte autêntica.

A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que nela é originalmente transmissível, desde sua duração material até seu testemunho histórico. [...] Pode-se reunir essas características no conceito de aura e dizer: aquilo que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua aura. (2022, p.57)

Porém, com o advento da reprodução técnica, como a fotografia e o cinema principalmente, a aura da obra de arte é perdida. Isso tem implicações políticas a partir do momento em que a arte deixa de ser uma exclusividade de elites e se torna acessível ao público em geral, tornando-a uma ferramenta potencial para a disseminação de ideias políticas. Além disso, Benjamin via a arte como tendo o potencial de resistir à instrumentalização política, e por estar profundamente envolvido com o materialismo histórico¹⁶, uma abordagem marxista à compreensão da história, acreditava que a alegoria, “a expressão alegórica nasceu de uma curiosa combinação de natureza e história” (BENJAMIN, 1984, p. 189) uma técnica artística que explora alegorias e símbolos ocultos (tratada no seu livro *Origem do drama barroco alemão*), poderia revelar aspectos ocultos da realidade social, ao ser usada para desvendar as contradições e tensões na sociedade e na política.

Benjamin estava preocupado com a preservação do passado e com a forma como a história é representada. Ele via a tarefa do historiador e do artista como a de desenterrar e resgatar momentos esquecidos da história e dar-lhes vida através da representação artística. Ele argumentava que essa abordagem poderia fornecer uma compreensão mais rica e complexa da história e, assim, afetar a política

¹⁶ Segundo o site Significados: “O materialismo histórico é uma teoria marxista que defende a ideia de que a evolução e a organização da sociedade, ao longo da história, ocorrem de acordo com a sua capacidade de produção e com suas relações sociais de produtividade.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/materialismo-historico/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20materialismo,suas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20de%20produtividade>. Acesso em: 22 out. 2023)

contemporânea. Em resumo, Walter Benjamin acreditava que a arte poderia ser tanto uma ferramenta de controle político quanto uma forma de resistência e crítica. Tornando, assim, a sua obra influente na teoria cultural e na análise artística, e suas ideias sobre a política na arte relevantes para as discussões contemporâneas sobre a função da arte na sociedade.

Outro artista com produções de forte potencial político é Banksy (já citado no capítulo anterior) que utiliza a arte de rua para criticar instituições e políticas governamentais ao produzir obras que são manifestações visuais de desobediência civil e desafio político, que buscam provocar debates. Uma de suas obras icônicas nesse quesito é *Kissing coppers* (“Policiais se beijando” em tradução direta) (imagem 10). Uma pintura de rua que retrata dois policiais do sexo masculino se beijando, deixando claro, assim, temas de igualdade, diversidade e direitos LGBTQIA+, como uma crítica ao conservadorismo e à homofobia. Destacando, assim, a importância da igualdade de gênero e da aceitação de diferentes orientações sexuais, provocando discussões sobre questões políticas e sociais relevantes.

Imagem 10 – *Kissing coppers* (Policiais se beijando) – Banksy – Inglaterra (2004)



Fonte: Foto referência - Banksy, *Kissing coppers*, 2004. Site: Banksy Explained.

Artistas contemporâneos que em suas produções propõem uma dimensão política, destacam a relevância da arte como uma linguagem de mudança e protesto,

refletindo não apenas o *zeitgeist*¹⁷ político, mas também o influenciam, agindo como catalisadores para a ação e a mudança social. Assim sendo e em síntese: As concepções de ética, estética e política na arte contemporânea oferecem um olhar mais claro sobre o desenvolvimento do pensamento artístico em nossa sociedade. Nessa dialética, entre princípios éticos e expressão estética, resultamos em obras que estimulam reflexões morais e políticas, e artistas contemporâneos que utilizam de sua arte como uma plataforma política, influenciando diretamente o curso da história por desafiar poderes estabelecidos e apresentando uma nova forma de enxergar uma questão social, para que assim, se evite a manipulação e manutenção de uma massa que muitas vezes enxerga a arte contemporânea com uma visão saudosismo. Sendo assim, um testemunho da vitalidade da arte contemporânea como um meio de expressão, reflexão e ação na sociedade atual.

3.2 A ARTE COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

A arte, em especial algumas produções de arte contemporânea, podem se constituir como espaço para a manifestação de práticas de liberdade, tanto para os artistas quanto para o público. Artistas têm a possibilidade de explorar temas pessoais, sociais e políticos, a sua maneira, desafiando as mazelas de uma sociedade ainda bastante conservadora com estruturas rígidas de poder já estabelecido, possibilitando romper com normas e convenções tradicionais e apresentar vias de liberdade.

Como menciona Luciana Gruppeli Loponte, em sua tese de doutorado (2005), ao refletir sobre as teorias de Michel Foucault: “Desde suas primeiras teorizações sobre o poder, Foucault (1999) já adverte que onde há poder há resistência e que o poder só se exerce sobre homens livres.” (2005, p. 81); desta forma, entende-se que a liberdade coexiste ao poder, pois para Michel Foucault as relações de poder ocorrem enquanto há liberdade, pois para que essa liberdade ocorra é necessário que haja poder e submissão, conseqüentemente onde surge a resistência, para que assim, despontem meios de fugas e de liberdade.

¹⁷ Segundo o site Significados: “*Zeitgeist* significa espírito de época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. É uma palavra alemã. O *Zeitgeist* é o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/zeitgeist/#:~:text=Zeitgeist%20significa%20esp%C3%ADrito%20de%20%C3%A9poca,um%20determinado%20per%C3%ADodo%20de%20tempo>. Acesso em: 23 out. 2023)

Dessa forma a arte contemporânea pode ser aproximada da noção de práticas de liberdade em Foucault, com os devidos cuidados teóricos, constituindo-se como oportunidade de confrontar questões éticas, estéticas e políticas. Pela desconstrução de narrativas universais, e normalmente eurocêntricas, a arte contemporânea desafia o tradicionalismo conservador estabelecido, o que permite a criação de novas perspectivas, revelando camadas e desnaturalizando questões que historicamente foram naturalizadas.

Assim sendo, produções como as já citadas neste trabalho, funcionam como uma plataforma de pensamento, em que artistas rejeitam as narrativas simplistas e confrontam os discursos hegemônicos, se tornando, assim, uma potência de resistência.

“Como a domesticação do rebanho desorientado nunca é perfeita, a batalha é permanente. [...] A população tem de ser devolvida à apatia, à obediência e à passividade, que é seu estado natural.” (2014, p.16) Noam Chomsky cita essas frases em seu livro *Mídia: Propaganda política e desinformação* ao se referir ao ano de 1960 nos Estados Unidos da América, onde, por conta da organização popular na busca por mais participação política, inventou-se uma suposta “Crise da democracia” que buscava desestabilizar esse movimento e subverter o significado de democracia, ao manipular a opinião pública através da mídia.

Com isso Chomsky discute o conceito de como a ignorância pode ser explorada para manipulação, e argumenta que, em sociedades democráticas, o controle da opinião pública é frequentemente exercido por meio da manipulação da informação através da mídia, e a ignorância ou a falta de informação das pessoas, pode ser usada como uma forma de controle.

Em suas análises sobre a mídia, Chomsky destaca como os meios de comunicação podem servir aos interesses do poder, influenciando a percepção pública e moldando a opinião das pessoas. Assim como o autor argumenta que a manipulação da informação e a falta de informação podem ser usadas como ferramentas de controle social, a arte também desempenha um papel fundamental na sociedade ao “abrir os olhos” do público para novas perspectivas e ideias, escancarando a realidade através de suas obras, ou ao apresentar trabalhos subversivos que tragam reflexão. Deixando claro a capacidade da arte de desafiar as normas estabelecidas e promover a liberdade de expressão.

Essa proeminência da arte pode ser compreendida à luz das ideias de Michel Foucault sobre poder, controle e resistência, presentes em sua extensa coleção "Ditos e Escritos". Foucault, abordou questões cruciais relacionadas ao poder e à liberdade em sua obra, e sua análise pode ser aplicada de maneira clara à arte contemporânea, sua visão sobre o poder (visão essa já comentada no *Capítulo 2*) enfatiza que ele não é uma entidade monolítica e coercitiva, mas sim uma rede de relações que permeia todos os aspectos da vida social.

Essa perspectiva nos leva a entender que o poder não é algo que simplesmente oprime, mas também é um campo onde a liberdade pode ser articulada e exercida. A arte contemporânea, ao se inserir nesse campo de relações, desempenha um papel crucial na manifestação da liberdade. Em suas obras, Foucault explorou a noção de resistência como uma resposta ao poder, para ele, a resistência não é uma luta direta contra o poder, mas sim uma forma de criar novas possibilidades.

A arte contemporânea se revela como uma manifestação desse tipo de resistência ao desafiar convenções estéticas e sociais, e questionar as normas e estruturas que limitam a liberdade criativa e individual. Torna-se, também, um espaço onde vozes marginalizadas e perspectivas subalternas encontram expressão, surgindo a resistência, quando há voz a essas perspectivas, e quando experiências diversas são compartilhadas e entendidas.

Assim como Nadja Hermann (citada no início do capítulo) trata em sua obra, Nicolas Bourriaud reflete a ideia central de seu pensamento sobre a arte moderna, contexto que também pode ser pensado na arte contemporânea, e sua relação com a ética e a estética quando cita em seu livro *Formas de vida: A arte moderna e a invenção de si*, o seguinte:

A arte moderna, portanto, só constitui um modelo ético a partir de seus modos de produção, e não a partir de um estetismo, ou seja, de um 'bom gosto': ela produz possibilidades de vida, subjetividade, relações com o outro. (2011, p.186)

Nessa direção, Bourriaud argumenta que a arte não deve ser vista apenas como uma busca pelo "bom gosto" ou por critérios estéticos tradicionais (como seguiam os padrões das artes clássicas elitizadas), mas como um modelo ético baseado em seus modos de produção e em como ela influencia a vida, a subjetividade e as relações humanas. Bourriaud argumenta que a ética da arte não está apenas vinculada ao resultado final, ou seja, às obras de arte em si, mas é intrínseca aos

processos, métodos, abordagens e relacionamentos forjados durante o ato criativo. Ele sugere que a arte desempenha um papel fundamental na formação da vida, subjetividade individual e nas relações humanas, ao proporcionar oportunidades para as pessoas explorarem novas maneiras de ser, pensar e se relacionar com os outros. Portanto, a ética da arte moderna e contemporânea vai além dos padrões estéticos tradicionais, influenciando profundamente como vivemos, nos percebemos e nos relacionamos com os outros, principalmente por meio de seus métodos de produção e das experiências que oferece aos artistas e ao público.

Outro escritor que destaca a forma como a arte contemporânea vai em contrapartida ao estetismo clássico, é o sul-coreano Byung-Chul Han. O autor reflete que por mais que ocorra essa fuga, o regime atual ainda mantém uma estética consumista em que o belo se perde, não o belo clássico, mas o belo da forma estética em si, ao sermos constantemente bombardeados por informações, entretenimento, notícias, redes sociais e outras formas de estímulos, somos levados à hiperexcitação das mentes e dos sentidos; o que Han em seu livro *A Salvação do Belo*, deixa claro ao citar que “Do belo não parte um estímulo. É muito mais uma forma estética. No regime estético atual, ao contrário, é produzido muito estímulo. Justamente nessa enxurrada de estímulo e excitação, o belo desaparece.” (2019, p. 69)

Portanto, tanto Bourriaud quanto Byung-Chul Han, destacam como a arte moderna e contemporânea se afastam do estetismo clássico e se inserem em contextos nos quais a estética é redefinida pela constante inundação de estímulos e pela busca por novas formas de expressão artística. Essa mudança na compreensão da estética e da ética na arte contemporânea influencia diretamente a maneira como experimentamos o mundo e nos relacionamos com a arte.

No contexto mais amplo, a Arte Contemporânea transcende a mera redefinição estética e ética, desempenhando um papel fundamental tanto no empoderamento dos artistas como na capacitação do público. Não se trata apenas de fortalecer os artistas, mas também de dotar o público de uma lente crítica para questionar o poder estabelecido e as manipulações de imagens veiculadas pela mídia e pela sociedade.

Além disso, a Arte Contemporânea é profundamente pessoal e interpretativa, permitindo que os espectadores experimentem obras de forma singular, com base em suas experiências e perspectivas individuais. Cada pessoa pode atribuir significados pessoais às obras de arte, tornando a experiência artística altamente subjetiva, em contraste com o paradigma anterior, no qual a arte frequentemente seguia uma

narrativa rígida e uma interpretação única e imutável. Essa liberdade de interpretação na arte contemporânea não apenas empodera o espectador, permitindo-lhe explorar as obras de acordo com sua própria bagagem emocional e cultural, mas também amplia o potencial para diálogo e reflexão, tornando a arte contemporânea uma forma de expressão e comunicação, uma forma de resistência, um contraponto à manipulação, um ativismo.

3.3 ARTIVISMO E RESISTÊNCIA: UM CONTRAPONTO À MANIPULAÇÃO

“Quando as imagens tomam posição: o olho da história, I” é um livro escrito por Georges Didi-Huberman, historiador da arte e filósofo da imagem. Neste primeiro volume, o autor investiga a maneira como as imagens, especialmente as imagens visuais e artísticas, podem se tornar veículos para a expressão política e histórica. Para isso, Didi-Huberman argumenta que as imagens não são apenas representações estáticas, mas têm o potencial de “tomar posição” e influenciar a compreensão da história e política. Em uma de suas citações, ao analisar o autor Bertolt Brecht, Didi-Huberman expõe: “a arte, para Brecht, desmonta e remonta a história, para mostrar sua dimensão política” (2017, p.104). Ao examinar como as imagens podem ser usadas para narrar eventos históricos, denunciar injustiças, criar memória coletiva e até mesmo mobilizar movimentos políticos, o autor ressoa profundamente no contexto da arte contemporânea ativista, quando explora a ideia de imagens que se tornam atos políticos e expressões de resistência. Desta forma, Georges Didi-Huberman fornece uma estrutura teórica, que nos possibilita entender como a arte pode ser pensada como uma forma de resistência e ativismo.

Pode-se compreender como as imagens se tornaram potência nas mãos dos artistas ativistas, por conta de suas obras não se tratarem apenas de formas de expressão artística, mas também declarações políticas, uma vez que “a arte mostra a política, ela a expõe no duplo sentido do termo” (DIDI-HUBERMAN. 2017, p. 104).

De acordo com o autor, a arte pode ser pensada como uma forma de protesto e dissidência política, e isso é precisamente o que o ativismo busca alcançar. Imagens que usadas com intenção e propósito, tomam posição, desconstruem narrativas hegemônicas, remontam a história.

O ativismo (junção entre as palavras "arte" e "ativismo") emergiu como um contraponto à manipulação estética que permeia as esferas políticas e sociais na

contemporaneidade, funcionando como uma manifestação de resistência criativa, onde a arte se torna uma força motriz para a mudança social. É uma arte que não é dócil e romantizada, normalmente confere empoderamento, em que as expressões artísticas que se recusam a ser silenciadas encontram um meio para provocar diálogo e ação.

O ativismo é, portanto, uma expressão de arte política, ética e estética que combina elementos artísticos aliados às questões de nosso tempo. É considerada política uma vez que contempla mensagens sociais em obras onde os artistas empregam a criatividade visual, literária ou performática para abordar questões como justiça social, direitos humanos, igualdade, ambientalismo e denunciar injustiças, criticar políticas públicas, questionar autoridades e dar voz a questões urgentes. Também, quase que integralmente, baseando-se em princípios éticos, como justiça, empatia e responsabilidade, considera não apenas a mensagem explícita na produção, mas também o impacto ético por trás dela, quando apresenta projetos que frequentemente chocam e emocionam.

Na modernidade, e com o advento tecnológico, a sociedade parece ter perdido sua capacidade empática. Um teórico importante para compreender esta austeridade da empatia é Theodor W. Adorno, filósofo alemão associado à Escola de Frankfurt que é conhecido por suas análises críticas da sociedade e cultura. Nas suas obras, explorou temas como a alienação, a desumanização e a falta de empatia na sociedade moderna. Adorno argumentou que a sociedade industrial e capitalista frequentemente trata as pessoas como meros objetos de consumo e produção, resultando na diminuição da empatia e compreensão mútua. Em um de seus textos *A indústria cultural: O iluminismo como mistificação das massas*, junto a Max Horkheimer, encontrado na *Teoria da cultura de massas* de Luiz Costa Lima, escreve:

A indústria se interessa pelos homens apenas como pelos próprios clientes e empregados, e reduziu, efetivamente, a humanidade no seu conjunto, como cada um dos seus elementos, a esta forma exaustiva [...]. Como empregados são chamados à organização racional e pressionados a inserir-se com sadio bom senso. Como clientes se vêem a si mesmos como ilustração, na tela ou nos jornais, em episódios humanos e privados da liberdade de escolha e como atração do que ainda não está enquadrado. Em qualquer dos casos permanecem objetos. (2002. p.186)

Adorno acreditava que a cultura de massas, especialmente a indústria cultural, desempenha um papel significativo na promoção de uma sociedade menos empática,

“A cultura industrializada dá algo mais. Ela ensina e infunde a condição em que a vida desumana pode ser tolerada.” (2002, p.189). As pessoas se sentem alienadas e isoladas umas das outras, “A indústria cultural pode fazer o que quer da individualidade somente porque nela, e sempre, se reproduziu a íntima fratura da sociedade.” (2002, p. 191) Adorno também sustentou a ideia de que a cultura na sociedade capitalista força as pessoas a se submeterem à vontade de outros, tornando os indivíduos semelhantes ao coletivo e fazendo com que percam sua individualidade. Sugere que a verdadeira individualidade e a tragédia são negadas ou suprimidas na sociedade moderna, pois as pessoas são reduzidas a simples produtos das forças culturais dominantes, se tornando encruzilhadas das tendências universais, ou seja, são moldadas por fatores culturais, econômicos e sociais que estão além de seu controle.

A pseudo-individualidade é a premissa do controle e da neutralização do trágico: só pelo fato de os indivíduos não serem efetivamente assim, mas simples encruzilhadas das tendências do universal, é possível recapturá-los integralmente na universalidade. (2002, p. 191)

Para Theodor Adorno, o principal objetivo de toda educação deveria ser evitar uma nova Auschwitz¹⁸, deixando claro que, “precisamos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista” (2005, p.01). Em uma de suas citações em seu livro *Educação após Auschwitz* de como isso seria possível, Adorno nos oferece duas recomendações para a educação, visando evitar uma nova Auschwitz. A primeira delas caminha na perspectiva de que a “educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (2005, p.02) que se entende, basicamente, como uma ideia de fomentar o pensamento crítico e a reflexão sobre a história e as estruturas sociais. Em segundo, propõe a promoção de uma educação que não se restrinja apenas ao acúmulo de informações, mas que também cultive a sensibilidade e a empatia.

Essas recomendações de Theodor Adorno para a educação enfatizam o pensamento crítico, a reflexão sobre a história e a promoção da sensibilidade e

¹⁸ “Auschwitz foi um complexo com mais de 40 campos de concentração e extermínio, criados e operados pela Alemanha nazista na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial.” Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/auschwitz.htm> Acesso em: 30 out. 2023.

empatia. Para que se evite tragédias como Auschwitz, faz-se preciso compreender, por exemplo, como a manipulação da imagem ocorreu durante o nazismo¹⁹.

Walter Benjamin, em sua obra "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica" (já citada em capítulos anteriores), analisa como a reprodução técnica das obras de arte influenciou a percepção pública e a disseminação de ideologias totalitárias, "o fascismo caminha diretamente em direção a uma estetização da vida política" (2022, p. 97). Em outras palavras, Benjamin argumenta que o fascismo estava explorando a estética e o poder da imagem para criar uma narrativa política envolvente que apelasse às emoções das pessoas. Levando a uma simplificação da política e a uma adesão às ideias e líderes do movimento quando não houvesse um pensamento crítico adequado. Isso, atrelado à forma como a arte sofria uma reprodução massiva (referente a fotografia e ao cinema, principalmente) transformou a arte em um meio de disseminar ideais fascistas em larga escala, através da estetização da vida política, implicando a transformação da política em uma forma de entretenimento ou espetáculo, utilizada para manipular as massas e consolidar o poder do regime. Seguindo dessa forma, a lógica das reflexões apresentadas por Theodor Adorno e Max Horkheimer quanto à manipulação por trás da indústria cultural.

Ao discutir as recomendações de Theodor Adorno para a educação e como elas podem ajudar a evitar a repetição de tragédias como Auschwitz, é importante considerar como a cultura da sociedade capitalista pode funcionar como um obstáculo para a realização desses ideais. Adorno observou que a cultura da sociedade capitalista frequentemente impõe um mecanismo de construção da heteronomia²⁰, onde os indivíduos são subjugados à vontade de terceiros. Nesse contexto, os indivíduos podem ser levados a se conformar com padrões sociais, consumistas e de entretenimento que minam sua individualidade e, por conseguinte, afetam sua capacidade de desenvolver empatia.

Mark Fisher, em seu livro *Realismo Capitalista*, aprofunda essa discussão ao argumentar que o capitalismo avançado, em sua busca incessante por lucro e

¹⁹ "O nazismo foi um movimento político e social marcado por ideais nacionalistas e extremistas que surgiu na Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial e alcançou grande notoriedade nesse país. Assumiu o poder em 1933, quando Adolf Hitler tornou-se chanceler da Alemanha. Foi classificado pelos historiadores como um movimento da extrema-direita."

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/nazismo.htm>. Acesso em 01 nov. 2023.

²⁰ "Heteronomia significa dependência, submissão, obediência. É um sistema de ética segundo o qual as normas de conduta provêm de fora." Disponível em: <https://www.significados.com.br/heteronomia/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

eficiência, tende a homogeneizar a cultura e o pensamento, levando à perda de singularidade e à supressão de vozes críticas. Em *O capitalismo e o Real*:

O realismo capitalista [...] trata-se mais de uma atmosfera abrangente, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação – agindo como uma espécie de barreira invisível, bloqueando o pensamento e a ação. (FISHER, 2020, p. 33)

Como resultado, as pessoas são expostas a narrativas e imagens estandardizadas, muitas vezes desprovidas de empatia, o que contribui para um declínio na capacidade de se relacionar e se identificar com as experiências dos outros.

Portanto, quando se reconhece as recomendações de Adorno para a educação em um contexto atual, é crucial entender como a cultura do capitalismo contemporâneo, como discutida por Mark Fisher, pode dificultar o cultivo da empatia e da individualidade, tornando ainda mais urgente a necessidade de promover uma educação crítica e sensível, como uma resposta a esses desafios culturais.

A arte desempenha um papel fundamental nesse processo, a partir do momento em que tem o poder de evocar emoções e criar conexões emocionais entre o espectador e o artista, principalmente, através do ativismo, capaz de formar mentes que pensam além do tradicional, que rompem com o conservador e que são uma forma de resistência, crítica social, reflexão histórica, pensamento crítico, e além de tudo possuem empatia e sensibilidade.

3.4 COLEÇÃO DE EXEMPLOS: ARTE CONTEMPORÂNEA E RESISTÊNCIA

Neste texto, destaco as conexões entre a arte contemporânea e movimentos de resistência, apresentando exemplos de obras e artistas que têm desempenhado uma atuação relevante nesta dimensão a partir do questionamento de normas estabelecidas e na abertura de diálogos essenciais sobre questões sociais, políticas e culturais. Além disso, contextualizo a minha própria produção artística, que se faz no diálogo com a pesquisa e se insere nos contextos das resistências. Retornando as contribuições de Michel Foucault, autor que me acompanha na pesquisa, construir resistências:

[...] consiste em utilizar essa resistência como um catalisador químico que permite colocar em evidência as relações de poder, ver onde elas se inscrevem, descobrir seus pontos de aplicação e os métodos que elas utilizam. [...] Trata-se de analisar as relações do poder por meio do enfrentamento das estratégias. (Foucault, 2014, p. 121)

Algumas produções de arte contemporânea têm, ao longo das últimas décadas, funcionado como disparadores para questionar a manipulação estética da imagem em contextos políticos e sociais. Nos capítulos anteriores, discorri sobre as diferentes formas que isso ocorre, incluindo o contexto histórico e político, associando as concepções de arte, imagem e poder. Nesse texto, me proponho a aprofundar a relação entre alguns artistas contemporâneos e os modos de resistência, destacando exemplos de produções que, aqui, são aproximados do tema da pesquisa.

Durante a pesquisa, pude identificar diversas vozes influentes na arte contemporânea e na resistência, servindo como referentes para a pesquisa, tais como Ai Weiwei, Banksy, Guerrilla Girls, M.I.A, Xadalu, e Joelson Bugila. Cada um desses artistas levanta questões cruciais que contribuem para a temática em discussão.

Além da análise desses artistas, também exploro minha própria produção artística referente à minha pesquisa (que será apresentada em uma exposição em conjunto com os outros artistas pesquisadores, chama *Nuances*) e como ela dialoga no cenário da arte contemporânea e da resistência. Como artista, busco utilizar minha criatividade e expressão para abordar questões fundamentais, inspirando discussões e reflexões de como a manipulação estética da imagem pode ocorrer de forma sutil em contextos políticos e sociais, e modelos que se repetem mesmo com o passar dos anos.

Ai Weiwei é um dos artistas contemporâneos conhecido por sua notável capacidade de fundir arte, ativismo e crítica social em sua obra. Nasceu 28 de agosto de 1957 em Pequim na China e cresceu em uma família de intelectuais e artistas, onde foi fortemente influenciado por seu pai, o poeta Ai Qing. Desde novo, demonstrou uma inclinação para a arte e logo se tornaria uma figura central no cenário artístico global, não apenas por sua criação artística, mas também por seu ativismo político.

Weiwei passou grande parte de sua carreira na China, onde se destacou por suas críticas abertas ao governo chinês e sua luta por direitos humanos e liberdade de expressão. Sua coragem em confrontar um regime autoritário resultou em sérias consequências, incluindo prisão e perseguição. No entanto, sua dedicação à causa da resistência e ao ativismo por meio da arte não pararam.

Duas de suas obras mais conhecidas que exemplificam a fusão entre a arte contemporânea e resistência são *Sunflower Seeds* (Sementes de Girassol) (imagens 11 a 14) (2010) e *Dropping a Han Dynasty Urn* (Derrubando um Vaso da Dinastia Han) (imagem 15) (1995).

Sunflower Seeds é uma instalação composta por 100 milhões de sementes de girassol feitas de porcelana, cada uma moldada e pintada à mão. A instalação encheu o *Turbine Hall* da Tate Modern em Londres, Inglaterra. Embora a obra pareça inicialmente uma exploração da estética, ela carrega uma forte mensagem de resistência. As sementes de girassol, todas únicas e aparentemente idênticas à primeira vista, representam o sujeito na sociedade chinesa, onde a opressão e a uniformidade são prevalentes. Ai Weiwei usou sua arte para questionar a uniformidade forçada na China e as violações dos direitos humanos. Ele demonstra que, embora cada semente possa parecer igual, a singularidade de cada uma permanece essencial, uma metáfora para colocar em debate a luta contra a conformidade e a supressão do pensamento crítico.

Dropping a Han Dynasty Urn é outra obra importante de Ai Weiwei, uma performance artística em que ele é visto deixando cair deliberadamente uma urna da dinastia Han, uma relíquia histórica chinesa com mais de dois mil anos de idade, enquanto fotografa o processo. A ação chama a atenção para a tensão entre o respeito pela história e a necessidade de provocar uma discussão crítica sobre a cultura, a política e a sociedade na China. *Dropping a Han Dynasty Urn* é uma declaração sobre o papel da arte na crítica social e política, onde o artista desafia a noção de veneração excessiva do passado, o saudosismo, sugerindo que a tradição

não deve ser um obstáculo à mudança ou ao debate. Essa obra é um exemplo marcante, quando se diz respeito a pensar a arte aliada a resistência, questionando convenções culturais profundamente arraigadas.

Ai Weiwei não apenas critica o contexto, mas também se envolve diretamente em seu questionamento, muitas vezes arriscando sua própria liberdade.

Imagem 11 – *Sunflower Seeds* (Sementes de Girassol) - Vista Panorâmica – Ai Weiwei – Tate Modern - Londres, Inglaterra (2010)



Fonte: Foto retirada do site Arte Ref – “Cem milhões de sementes de girassol feitas em porcelana!” (2013) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 12 – *Sunflower Seeds* (Sementes de Girassol) – Detalhe das sementes – Ai Weiwei – Tate Modern - Londres, Inglaterra (2010)



Fonte: Foto retirada do site Arte Ref – “Cem milhões de sementes de girassol feitas em porcelana!” (2013) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 13 – *Sunflower Seeds* (Sementes de Girassol) – Detalhe tamanho das sementes – Ai Weiwei – Tate Modern - Londres, Inglaterra (2010)



Fonte: Foto retirada do site Arte Ref – “Cem milhões de sementes de girassol feitas em porcelana!” (2013) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 14 – *Sunflower Seeds* (Sementes de Girassol) – Plano Geral – Ai Weiwei – Tate Modern - Londres, Inglaterra (2010)



Fonte: Foto retirada do site Arte Ref – “Cem milhões de sementes de girassol feitas em porcelana!” (2013) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 15 – *Dropping a Han Dynasty Urn* (Derrubando um Vaso da Dinastia Han) – Sequência de três fotografias – Ai Weiwei (1995).



Fonte: Foto retirada do site select.art – “A Última Fronteira?” (2013) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Outro artista que compõe esta coleção de exemplos que se propõe a relacionar produções artísticas e artistas que propõem uma dimensão política para a arte é Banksy. Artista britânico cuja identidade permanece em segredo, é conhecido por suas obras de rua provocativas, murais satíricos e obras de protesto, que possuem uma mensagem direta. Embora sua biografia completa permaneça desconhecida, algumas informações sobre sua vida surgiram ao longo dos anos. Acredita-se que ele nasceu em Bristol, Inglaterra, em meados dos anos 1970, e sua jornada artística começou nas ruas da cidade, onde ganhou destaque por sua habilidade em misturar sátira, humor e crítica social.

O artista emergiu como uma referência importante na cena da arte de rua, com seu estilo distintivo caracterizado por *stencils* (estênceis) e uma paleta de cores geralmente monocromática. Ganhou visibilidade na década de 2000, quando suas obras começaram a aparecer em várias cidades ao redor do mundo, muitas vezes tratando de questões políticas e sociais.

Banksy possui diversas obras que podem ser destacadas como formas de resistência e crítica social (algumas já citadas ao longo da pesquisa). Outras que percebo como políticas da resistência são: *Rage, The Flower Thrower* (Raiva, O Lançador de Flores) (imagem 16) (2005), uma imagem de um homem em posição de lançar uma granada, mas em vez disso, ele está lançando um buquê de flores. Essa obra, criada em 2005 em Jerusalém, é uma metáfora da esperança e da resistência não violenta em um cenário de conflito armado, que no momento da escrita dessa pesquisa está fortemente afetada pela guerra de Israel e Hamas.

A segunda obra de destaque que representa a resistência é *No Ball Games* (Não a Brincadeiras de Bola) (imagens 17 e 18), uma produção que apareceu primeiramente como uma tela na *Barely Legal*, em 2006, uma exposição de Banksy em Los Angeles, Estados Unidos da América. Em 2009, Banksy recriou a peça em um mural em estêncil em Londres, Inglaterra. A imagem retrata duas crianças a jogar alguma brincadeira que envolva bola, porém, não há uma bola, e sim uma espécie de placa com os dizeres: “*no ball games*”. Este trabalho critica regulamentos que limitam a liberdade da sociedade, destacando a ridicularização de governos que interferem nas decisões pessoais das pessoas. Isso sugere que até mesmo as atividades comuns e inofensivas das crianças, como brincar ao ar livre, estão sujeitas ao controle estatal.

Ambas as obras se associam ao tema da resistência de várias maneiras, elas desafiam o status quo e confrontam questões sociais e políticas urgentes. Ao criar obras que provocam o espectador e o fazem refletir sobre a realidade que o cerca, Banksy se torna um agente de resistência por meio da arte. Suas obras desafiam o sistema ao mesmo tempo em que incentivam a empatia, a compaixão e a esperança em um mundo muitas vezes marcado pela desigualdade e pelo conflito.

Além disso, a natureza efêmera das obras de Banksy nas ruas também é uma forma de resistência. Elas são frequentemente efêmeras, sujeitas a serem cobertas, apagadas ou danificadas. No entanto, isso não impede que sua mensagem persista. Essa resistência à perda de sua arte nas ruas reflete a resistência contínua contra a opressão e a censura.

Imagem 16 – *Rage, The Flower Thrower* (Raiva, O Lançador de Flores) – Mural em Jerusalém – Banksy (2005).



Fonte: Foto retirada do site Thursd. – *Banksy Advocates for Peace With 'Rage, the Flower Thrower'* (Banksy defende a paz com 'Raiva, O Lançador de Flores') (23 ago. 2023) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 17 – *No Ball Games* (Não a Brincadeiras de Bola) – Mural em Londres, Inglaterra – Banksy (2009)



Fonte: Foto retirada do site Banksy Explained – “No ball games” (2009) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 18 – *No Ball Games* (Green) (Não a Brincadeiras de Bola (Verde)) – Obra em serigrafia– Banksy (2008)



Fonte: Foto retirada do site Banksy Explained – “No ball games” (2009) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Outro exemplo, Guerrilla Girls, é um coletivo de artistas ativistas anônimas, cujas identidades permanecem secretas, que emergiram na cena artística de Nova York em 1985. Esse grupo de mulheres usam pseudônimos de artistas renomadas do passado e utilizam máscaras de gorilas em performances públicas para manter o foco na mensagem e não na personalidade. Dedicam-se a expor a desigualdade de gênero e o racismo dentro do mundo da arte, principalmente, confrontando instituições estabelecidas.

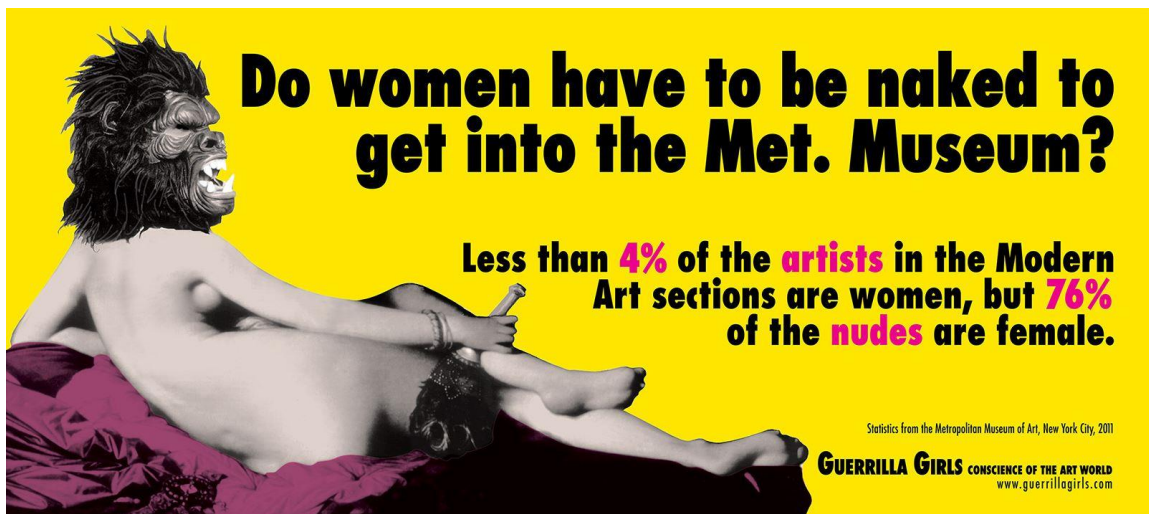
Elas possuem diversas obras como formas de resistência e crítica social que merecem destaque. Uma delas é a *Do Women Have to Be Naked to Get into the Met. Museum?* (As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museu? (imagem 19) (1989) uma icônica obra da Guerrilla Girls que destaca a disparidade de representação de artistas mulheres no mundo da arte. A peça apresenta uma fotografia de uma mulher nua, coberta apenas por uma máscara de gorila, questionando se as mulheres precisam se expor dessa forma para serem valorizadas e reconhecidas como artistas. Sendo uma provocação direta ao Metropolitan Museum of Art (Met.), que coloca em evidência a sub-representação das mulheres na coleção permanente do museu na época (1989).

Outra obra que merece destaque é a *The Advantages of Being a Woman Artist* (As vantagens de ser uma mulher artista) (imagem 20) (1988). Nesta obra, as Guerrilla Girls apresentam uma lista irônica de "vantagens" e "desvantagens" de ser uma artista mulher no mundo da arte contemporânea, onde elas abordam questões como a falta de reconhecimento e a desvalorização do trabalho feminino na indústria artística, evidenciando a persistente discriminação de gênero, sendo uma obra que ressalta a necessidade urgente de igualdade e inclusão.

Essas obras das Guerrilla Girls são intrinsecamente ligadas à temática da arte contemporânea e resistência, pois, desafiam as normas e as instituições artísticas, se inserindo em um movimento de resistência cultural que busca redefinir e democratizar o mundo da arte, empregando a sátira, o humor ácido e a provocação como ferramentas para expor a injustiça e promover a mudança.

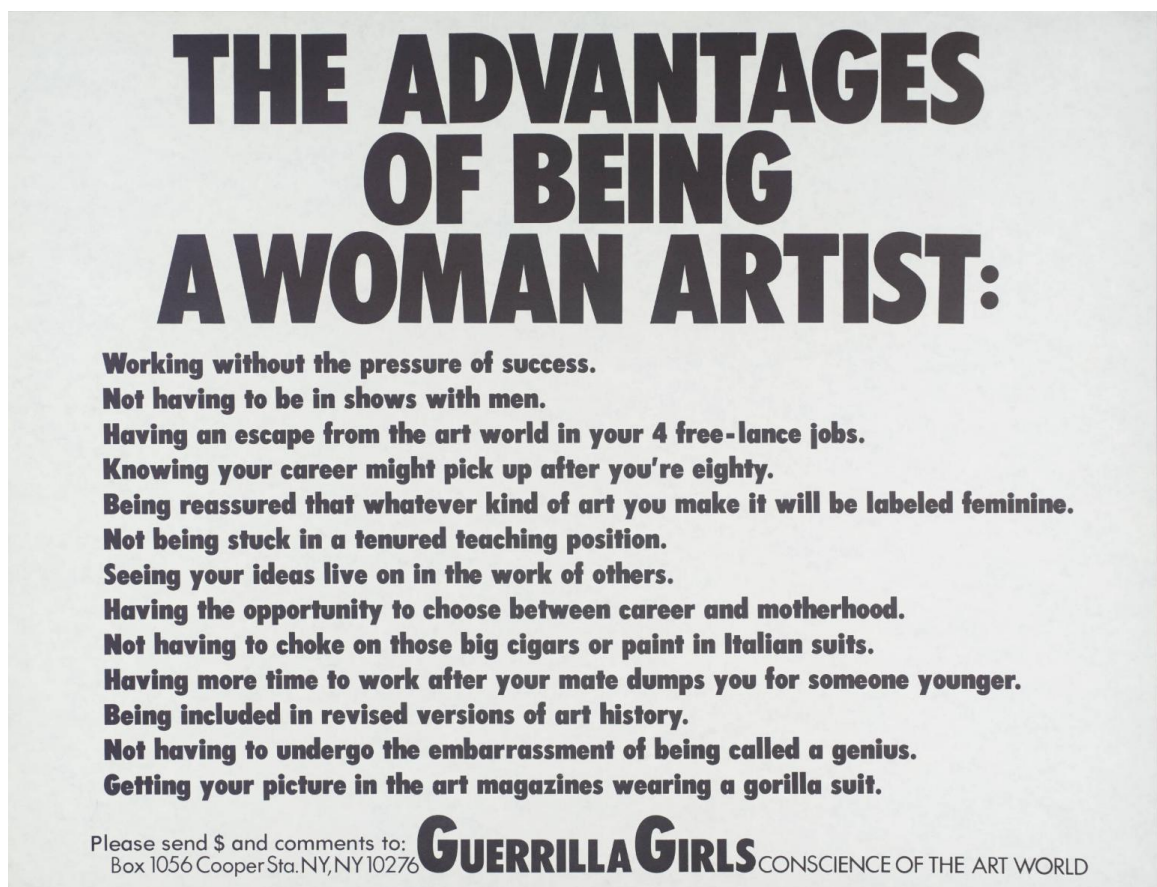
Além disso, ao permanecerem anônimas, as integrantes do coletivo desafiam a cultura da celebridade que muitas vezes permeia o mundo da arte contemporânea, centrando a atenção no conteúdo e na mensagem, em vez da identidade das artistas. Essa estratégia reforça a ideia de que a arte deve transcender as individualidades e concentrar-se na provocação de diálogos e reflexões significativas sobre questões sociais e políticas.

Imagem 19 – *Do Women Have to Be Naked to Get into the Met. Museum?* (As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museu? – Guerrilla Girls - (1989)



Fonte: Foto retirada do site MOED – *Guerrilla Girls, Do Women Have to Be Naked to Get into the Met. Museum?* (2012) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 20 – *The Advantages of Being a Woman Artist* – Guerrilla Girls (1988)



Fonte: Foto retirada do site TATE – *Guerrilla Girls, The Advantages of Being a Woman Artist* (1988) – Acesso em: 02 nov. 2023.

João Luis Prado Simões França, mais conhecido como M.I.A. (MASSIVE ILEGAL ARTS) é um artista plástico ativista que atua nas ruas de São Paulo, Brasil. Nascido no bairro do Butantã, na Zona Oeste de São Paulo, M.I.A. teve seu primeiro contato com a arte urbana aos 13 anos, influenciado por seu irmão mais velho, que era pixador e deixou sua marca na cena de 1997 a 2005.

A motivação de M.I.A. é traduzir a realidade de uma sociedade permeada por preconceito e discriminação desde seus primórdios, buscando em seu trabalho colorir as ruas e dar voz às massas que ajudaram a construir o Brasil, mas que permanecem em grande parte ignoradas. Por meio de intervenções artísticas controversas, que buscam provocar questionamentos e debates, algo essencial no campo da arte. Para alguns, M.I.A. é visto como um vândalo, alguém que merece punição. Para outros, ele é um generoso artista militante que denuncia as várias formas de violência presentes na sociedade.

M.I.A. chama a atenção para a necessidade de desobediência civil, que historicamente impulsionou grandes revoluções. Seu trabalho mais conhecido desafia os símbolos que glorificam genocidas e contesta a versão oficial da história do Brasil (assuntos já tratados em capítulos anteriores). Ele permite que a história seja contada pelas vozes que sobreviveram à luta, especialmente aquelas dos negros periféricos em um país que continua a excluí-los.

Suas intervenções artísticas são impactantes e intensas, tornando-se parte do imaginário de São Paulo. Ganhou notoriedade em 2016 após intervir no Monumento às Bandeiras e na Estátua do Borba Gato (imagens 22 a 24), bem como em 2018 com a ação "OLHAI POR NÓIS" no Pateo do Collegio (imagem 21), um sítio arqueológico marcado pelo genocídio indígena.

Essas obras desafiam as normas estabelecidas e questionam as desigualdades sociais. A arte de M.I.A. vai além das galerias tradicionais, alcançando um público mais amplo. Sua obra não apenas resiste à conformidade, mas também serve como um chamado à ação, inspiração às pessoas para enfrentar as questões sociais frequentemente negligenciadas.

Imagem 21 – “OLHAI POR NÓIS” - Pixação no Pateo do Collegio, no Centro Histórico de São Paulo – M.I.A (2018)



Fonte: Foto Paulo Pinto/FotosPublicas Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 22 – Pixação no Monumento às Bandeiras, São Paulo, Brasil – M.I.A (2016)



Fonte: Foto retirada do site G1 – *Monumentos amanhecem pichados com tinta colorida em SP* (2016) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 23 – Pixação no Monumento às Bandeiras, São Paulo, Brasil – M.I.A (2016)



Fonte: Foto retirada do site G1 – *Monumentos amanhecem pichados com tinta colorida em SP* (2016) – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 24 – Pixação da Estátua do Borba Gato, São Paulo, Brasil – M.I.A (2016)



Fonte: Foto retirada do site Terra – *Monumento às Bandeiras e Borba Gato são pichados em SP (2016)* – Acesso em: 02 nov. 2023.

Outro artista que compõem a coleção de exemplos é Xadalu Tupã Jekupé, indígena, do Rio Grande do Sul que utiliza técnicas artísticas como serigrafia, pintura e fotografia, para explorar o entrelaçamento entre a cultura indígena e a ocidental nas cidades urbanas. Sua jornada artística é um testemunho da luta contra o apagamento da cultura indígena e sua reconexão com suas raízes.

Duas de suas obras se destacam como formas de resistência e contribuem significativamente para a arte contemporânea. A primeira delas é "Atenção: Área Indígena" (imagens 25 e 26), que é uma série de cartazes, murais, placas e adesivos que possuem escrito a frase que nomeia a obra. Estas obras desafiam a invisibilidade histórica dos povos indígenas na sociedade brasileira e nas instituições culturais.

Outra obra é "Invasão Colonial: Meu Corpo Nosso Território", (imagem 27) que lhe rendeu o Prêmio Aliança Francesa em 2020 e uma residência artística na França em 2021. Essa criação reflete a luta contínua dos povos indígenas contra a invasão e colonização de seus territórios, subvertendo as narrativas coloniais e explorando a conexão profunda entre o corpo e a terra, destacando a importância de preservar a cultura e o ambiente.

Essas obras de Xadalu Tupã Jekupé são manifestações de arte contemporânea e resistência, pois desafiam a marginalização cultural dos povos indígenas, provocam debates e chamam a atenção para a necessidade de justiça e igualdade. Xadalu não apenas pinta quadros, mas pinta narrativas de resiliência e perseverança, recontando a história do Brasil através das vozes que frequentemente foram silenciadas.

Imagem 25 – Mural “Atenção: Área Indígena”, POA-RS, Brasil – Xadalu (2016)



Fonte: Foto por Cristiano Lindenmeyer Kunze – Midia Ninja – Acesso: 02 nov. 2023.

Imagem 26 – Serigrafia “Atenção: Área Indígena”, POA - RS, Brasil – Xadalu (2016)



Fonte: Anselmo Cunha/Reprodução.

Imagem 27 – “Invasão Colonial: Meu Corpo Nosso Território” – Xadalu (2020)



Fonte: Foto retirada do site DASARTES – *Invasão colonial meu corpo nosso território*, de Xadalu Tupã Jekupé_ créditos Fábio alt

No campo dos artistas locais/regionais, Joélson Bugila é um artista visual e designer gráfico que tem se destacado no cenário das artes visuais contemporâneas, natural de Criciúma, Santa Catarina, Brasil, cursou Artes Visuais na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e possui obras que se destacam como formas de resistência. Uma das que mais possuem notoriedade é a intervenção artística urbana realizada em Criciúma, intitulada "BUUU!" (imagens 28 e 29) em 2011. Nessa ação, Joélson abordou questões relacionadas ao homossexualismo, desafiando as normas sociais e confrontando a censura. Cerca de 500 cartazes de dimensão A0 foram colados em muros, postes, tapumes e paredes das ruas centrais da cidade. Esses cartazes atuaram como dispositivos de comunicação, destacando as questões em torno da diversidade sexual e contribuindo para a visibilidade e aceitação das comunidades LGBTQIA+.

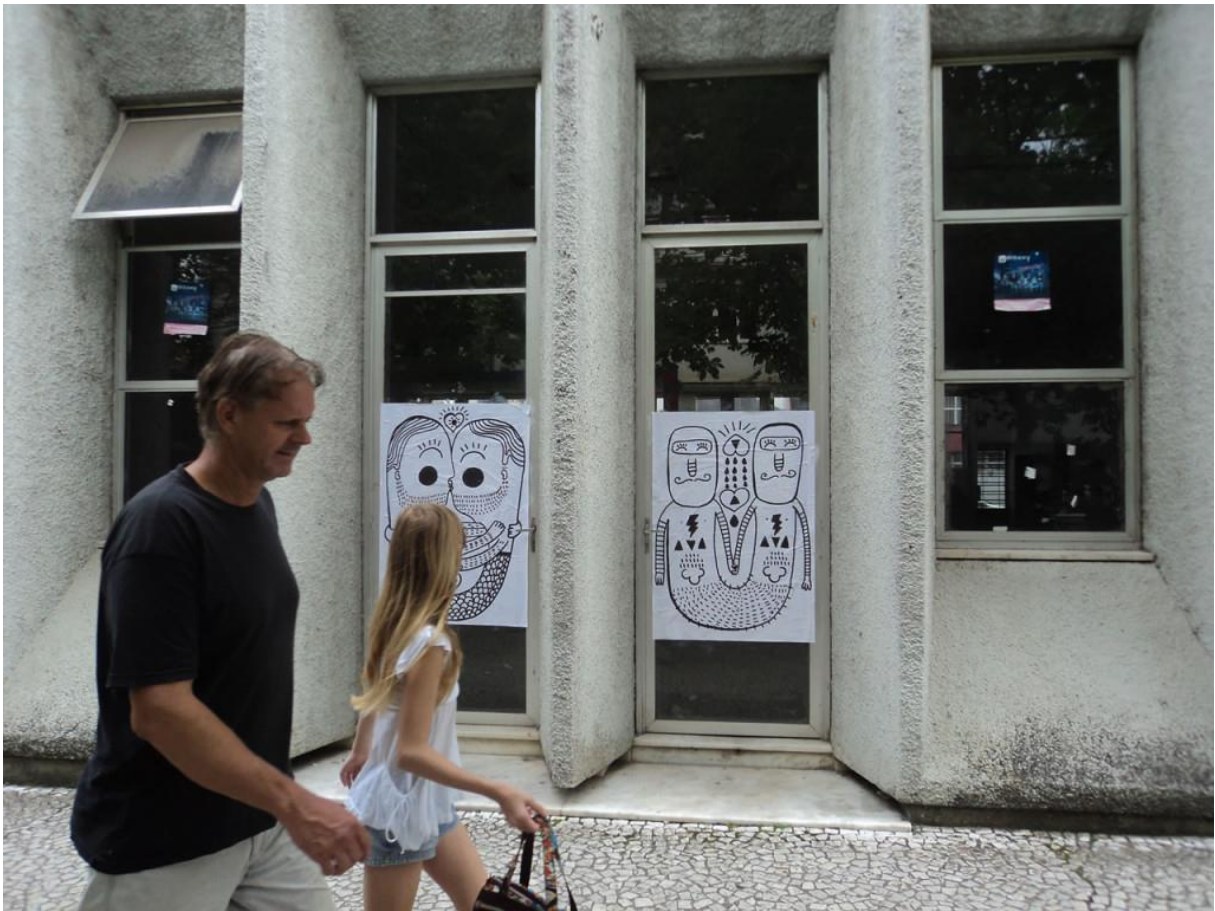
Essas obras de Joélson Bugila são manifestações de resistência, por confrontar temas sensíveis em que sua arte não apenas questiona, mas também promove a inclusão e a justiça social, ao destacar questões que muitas vezes são negligenciadas.

Imagem 28 – Lambe Intervenção “BUUU!” em Criciúma, Santa Catarina, Brasil –
Joelson Bugila (2011)



Fonte: Foto retirada do site Lixo e Luxo – “Joelson Bugila, arte contemporânea para questionar a sociedade” – Acesso em: 02 nov. 2023.

Imagem 29 – Lambe Intervenção “BUUU!” em Criciúma, Santa Catarina, Brasil –
Joelson Bugila (2011)



Fonte: Foto retirada do site Lixo e Luxo – “Joelson Bugila, arte contemporânea para questionar a sociedade” – Acesso em: 02 nov. 2023.

Considerando o conjunto de exemplos que constituem os referenciais artísticos da pesquisa, e que foram apresentados nas páginas anteriores, a partir daqui discorro sobre o processo de pesquisa da produção artística que compõe este trabalho e que foi exibida em exposição coletiva, com o nome de *Nuances*, que ocorreu com abertura no dia 21 de novembro de 2023, junto aos demais colegas da 8ª fase do Curso de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC.

A produção reúne um conjunto de oito imagens, algumas editadas e outras não, sendo compostas em quatro pares. Três deles com o tamanho aproximado de uma página A4 (210 x 297 milímetros) dispostas na posição vertical. O quarto conjunto (par), será disposto na posição horizontal (também em tamanho A4).

A temática que me proponho a apresentar é diretamente correlacionada ao tema da pesquisa **“Arte, Imagem e Poder: a manipulação estética como**

instrumento de persuasão e controle nos contextos políticos e sociais”, e os conjuntos de imagens reavivam propagandas de décadas passadas que foram utilizadas com o intuito de manipular a estética para persuadir em contextos políticos, sempre correlacionando diretamente com outra imagem advinda de manchetes, notícias e acontecimentos recentes, normalmente publicizados em redes sociais e sites de notícia, com relação direta com a temática e a narrativa das propagandas antigas (o que justifica a separação por pares).

O primeiro par de imagens é composto pela capa de um jornal chamado *The Good Citizen* (em tradução direta, pode-se definir como “O cidadão de bem”) (imagem 30), um periódico político mensal que foi publicado entre os anos de 1913 a 1933, em Nova Jersey, nos Estados Unidos. Esse jornal era baseado em disseminar ideias políticas que iam desde o antissemitismo, supremacia branca, à Ku Klux Klan²¹. A imagem que faz par com *The Good Citizen* é uma coletânea de notícias e manchetes, que tem como tema principal a frase “Cidadão de bem” (imagem 31). O intento é, para além da associação de semelhanças entre os temas das imagens, produzidas em períodos históricos distintos, propor uma reflexão sobre as conexões entre ambas. É importante problematizar que as frases como “cidadão de bem”, que retornaram a circular, especialmente no governo Bolsonaro (2018-2022) estão arraigadas em tempos sombrios da história da humanidade e que continuam a ser reproduzidas esteticamente, especialmente por movimentos de extrema direita no Brasil e no mundo. Pois como cita Mark Fisher em *Realismo Capitalista*:

Nós, o público, não somos subjugados por um poder externo; ao invés disso, estamos integrados a um circuito de controle que tem como único mandato nossos próprios desejos e preferências – que retornam a nós, não mais como nossos, mas como desejos do grande Outro. (2020, p. 83)

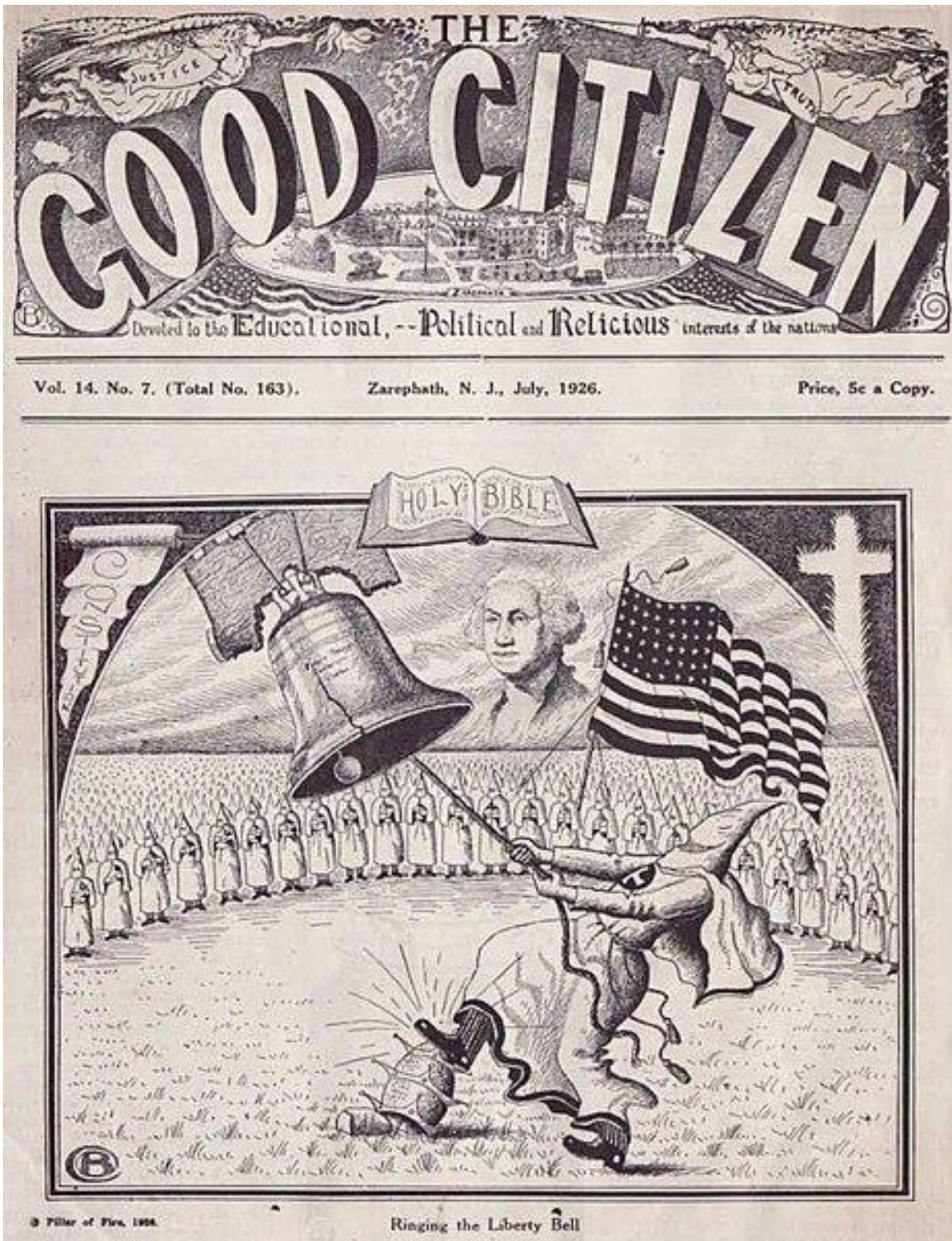
Refletindo assim, essa falsa sensação de poder dada ao povo, que possibilita a disseminação de ideias de extrema direita do capitalismo moderno, que somente se propõem a revelar os próprios desejos e preferências sombrias de uma sociedade ocidental fortemente ainda ligada aos ideais colonialistas de racismo, misoginia e,

²¹ “A Ku Klux Klan (KKK) ou Klan é uma organização terrorista que foi fundada em uma pequena cidade do Tennessee, Estados Unidos, entre os anos de 1865 e 1866. Essa organização, que se pauta pelo supremacismo branco, promovia e promove atos terroristas contra pessoas negras e simpatizantes dos direitos dos negros.” Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/ku-klux-klan.htm> Acesso em: 03 nov. 2023.

assim como *The Good Citizen: Antissemitismo e supremacia branca*. Deixando claro, assim, como jargões se repetem (como o “cidadão de bem”).

Fisher nos alerta que o capitalismo contemporâneo cria um ambiente em que se enfraquece as estruturas de solidariedade social e criam-se incertezas econômicas, levando as pessoas a se agarrarem a ideias simplistas e populistas, e como o capitalismo influencia a mídia e a cultura para promover uma visão de mundo que é compatível com seus interesses (os interesses do “grande Outro (2020, p. 83)), com *slogans* e discursos simplificados que perpetuam essa ideologia, mesmo que, a primeira instância, o poder aparente estar nas mãos do público, que mantém-se perpetuando essas narrativas, consciente e inconscientemente.

Imagem 30 – *The Good Citizen* (O cidadão de bem) – Capa do Jornal – Nova Jersey, Estados Unidos da América (entre 1913 a 1933)



Fonte: Foto retirada do site Medium – “O cidadão de bem” – Acesso em: 03 nov. 2023.

Imagem 31 – Coletânea de notícias de “cidadão de bem” – Captura de tela editada para melhor visualização - Gabriel Augusto da Rosa (2023)

I O Antagonista

Deputado diz que imposto sobre armas é perseguição a cidadão de bem

O deputado federal Sargento Gonçalves (PL-RN), integrante da bancada da bala do Congresso, afirmou que o decreto assinado pelo presidente...

1 dia atrás



E Estadão

Bancada da bala reage a decreto de Lula que aumenta impostos para armas: 'Política revanchista'

Presidente do grupo, deputado Alberto Fraga afirma que o desejo do presidente 'é desarmar o cidadão de bem'

1 dia atrás



JB Jornal do Brasil

Cidadão de bem, ser ou não ser: suspeito de matar 18 pessoas é ex-militar e instrutor de tiro

Armas para o cidadão do bem poder se defender. O argumento da extrema-direita mundial para armar a população civil foi mais uma vez colocado...

1 semana atrás



G O Globo

Cidadão de bem, pró-vida e defensor da família comemora veto dos EUA ao cessar-fogo em Gaza

O veto norte-americano à resolução apresentada pelo Brasil na ONU pedindo o imediato cessar-fogo na Faixa de Gaza foi intensamente...

2 semanas atrás



T O TEMPO

Mourão pede soltura de Mauro Cid: 'cidadão de bem, pai de família'

"O Tenente Coronel Cid, o Capitão Cordeiro e os Sargentos Max Guilherme e Reis, completam hoje 41 dias na prisão pelo suposto crime de..."

12 de jun. de 2023



P Portal Catarinas

Atos terroristas: a impunidade da lei penal ao "cidadão de bem" e à "mulher honesta"

Não existe no direito processual penal outro pronome de tratamento para estes cidadãos e cidadãs que participaram e participam de atos "quando..."

9 de jan. de 2023



Fonte: Pesquisa em Google por notícias de “Cidadão de bem”, editadas, para melhor visualização.

O segundo par de imagens segue a mesma proposta, correlacionando um fato que ocorreu recentemente²², em meio a Guerra entre Israel e a Palestina com uma imagem publicizada em outros tempos de guerra. Temos observado diariamente (outubro-novembro de 2023), a divulgação das ocorrências da guerra por parte da mídia. Sabemos que a mídia forma opinião. Em uma breve análise de postagens em redes sociais e depoimentos televisivos, observamos muitas contradições na percepção da sociedade sobre a guerra em questão. Muitos julgam como certo os ataques sofridos pelos palestinos através de Israel, sem considerar contextos históricos, sociais, culturais, políticos vividos pela Palestina.

Dentro desse contexto, a deputada federal Carla Zambelli, filiada ao PL (Partido Liberal, partido do ex-presidente da república do Brasil, Jair Messias Bolsonaro), publicou em suas redes sociais (mais precisamente o Twitter/X, no dia 02 de novembro de 2023) uma imagem gerada por IA (inteligência artificial) em que uma águia com bandeiras de Israel e EUA (Estados Unidos da América) aparenta estar caçando um rato (este com uma bandeira da Palestina em seu peito). A imagem é acompanhada da seguinte legenda: *"Mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão. Isaías 40:31"* (imagem 33).

A imagem resultante da publicação da deputada, pode ser aproximada com um poster de propaganda nazista (imagem 32) utilizado na ocupação da Dinamarca (1940). O poster apresenta um rato com uma cabeça com características antisemitas (nariz e orelhas grandes, além de outras características exageradas), denominado de *Rotten. Udryd den.* (Ratos. Destrua-os.). Uma curiosidade que transforma essa imagem em algo ainda mais repugnante é, segundo o site da *Philadelphia Holocaust Remembrance Foundation* (Fundação da Filadélfia em memória ao holocausto): "Zyklon B era um pesticida comum usado para matar pragas e era o veneno usado nos campos de extermínio nazistas."²³

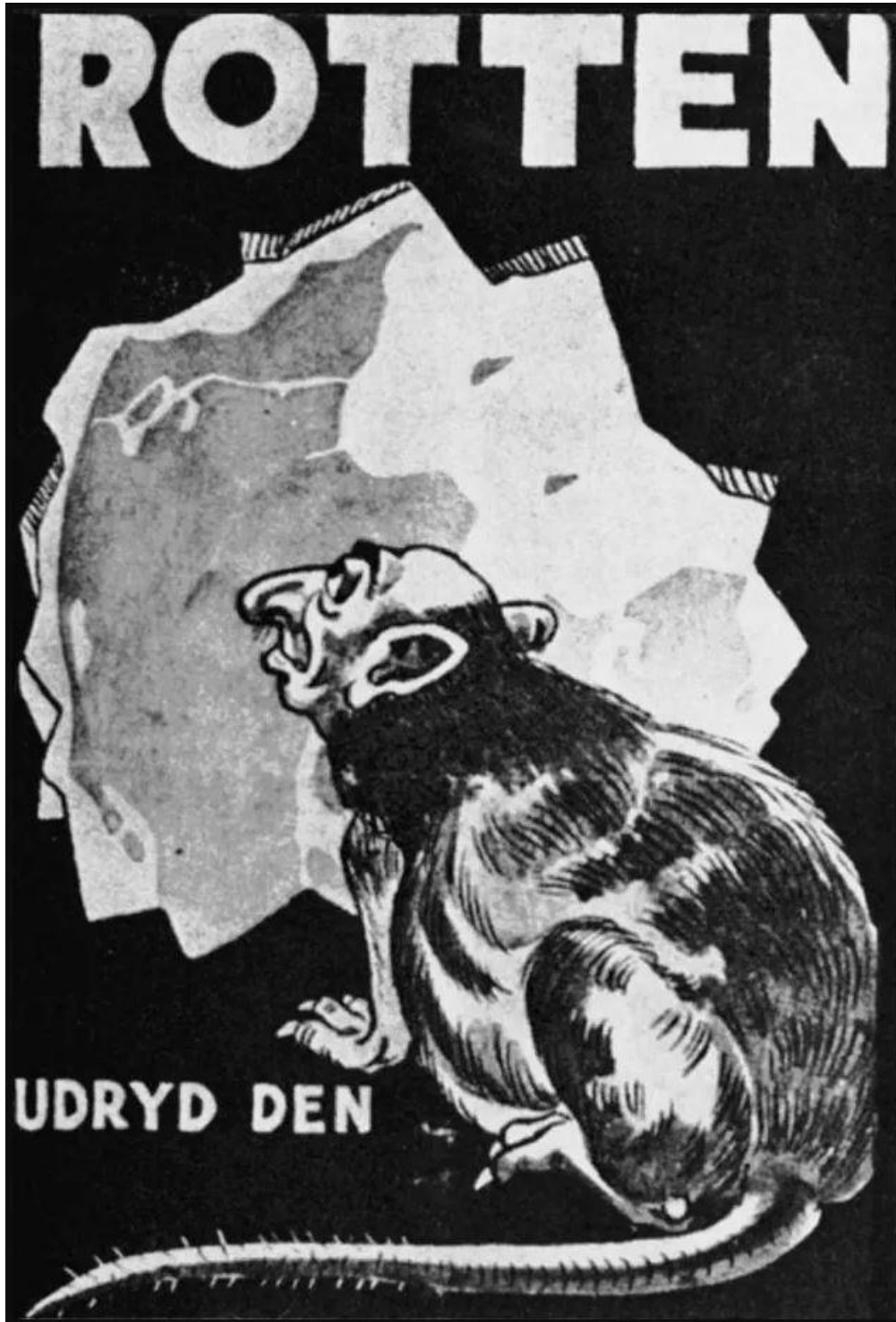
Assim, em mais este exemplo, podemos ver claramente como a manipulação da imagem e da arte, dentro de um contexto político, ocorreu em tempos de guerra (1

²² Grifo meu: Quando me refiro a "recentemente", deve-se levar em consideração a data de 03 de novembro de 2023.

²³ Disponível em: <https://www.philaholocaustmemorial.org/antisemitism-explained/> Acesso em: 03 nov. 2023.

de setembro de 1939 – 2 de setembro de 1945 – Segunda Guerra Mundial e a Guerra entre Israel e Palestina - 3 de novembro 2023) em detrimento de reduzir a animais (pragas) um povo que sofre um genocídio.

Imagem 32 – Poster da propaganda nazista (Rotten) – Dinamarca - 1940



Fonte: Foto retirada do site *Philadelphia Holocaust Remembrance Foundation* (Fundação da Filadélfia em memória ao holocausto) Acesso em: 03 nov. 2023.

Imagem 33 – Captura de tela – Postagem de Carla Zambelli – Twitter/X – (2023) – Gabriel Augusto da Rosa



Carla Zambelli ✓
@Zambelli2210



Mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.

Isaías 40:31



11:30 AM · 2 de nov de 2023 · 360,2 mil Visualizações

Fonte: Captura de tela efetuado no site Twitter/X

O terceiro par de imagens segue a mesma montagem do primeiro conjunto. É composta pela imagem de um cartaz nazista e em diálogo com uma montagem digital que se constitui uma coletânea de notícias e manchetes, com uma edição para melhor organização e visualização. Destaca-se a frase: “Música ruim / música degenerada”.

Na primeira imagem é apresentado um cartaz da propaganda nazista alemã da década de 1930 (imagem 34), com o destaque: *Entartete Musik* (“Música degenerada²⁴” em alemão) e uma ilustração caricata racista e antissemita, de um negro em roupas sociais tocando um saxofone (remetendo ao Jazz, estilo musical afro-americano), possuindo um broche com uma estrela de Davi²⁵(remetendo aos judeus).

A outra imagem (imagem 35), como já mencionado, trata de uma série de manchetes que destacam como a estética racista por trás do termo “música de preto” ainda é presente, principalmente dentro dos estilos musicais de hip-hop, samba, pagode e funk. Desta forma, destaca-se o racismo estrutural presente entorno de certos estilos musicais que ocorre a dezenas de anos e que vem se repetindo, até os dias cotidianos.

²⁴ “Em 1937, o então ministro da propaganda Josef Goebbels, difundiu uma massificada campanha contra a arte moderna, criando assim o conceito de “Arte Degenerada”, para definir uma série de obras artísticas que eram consideradas “subversivas”. A maioria destas obras eram de artistas alemães, porém entre elas havia também telas de Matisse, Picasso e até mesmo Van Gogh.” Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/10/04/artigo-or-sobre-a-arte-degenerada> Acesso em: 04 nov. 2023.

²⁵ “Estrela de Davi, do hebraico, Magen David, que significa escudo de Davi, é um símbolo usado por seguidores do Judaísmo. Possui diversas interpretações e está presente em várias manifestações culturais e religiosas. A Estrela de Davi está ligada à realeza; antigamente, vários guerreiros do povo de Israel usavam-na nos escudos durante as batalhas.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/estrela-de-davi/> Acesso em: 04 nov. 2023.








Imagem 34 – Cartaz da propaganda alemã nazista – *Entartete Muzik* (Música degenerada) - (1930)



Fonte: Foto retirada do site Basia Com Fuoco – *Entartete musik, teresienstadt en channel classics* (Música degenerada, Teresienstadt canal clássicos) – Acesso em:

03 nov. 2023.

Imagem 35 – Coletânea de manchetes de “Música ruim / Preconceito na Música” –
Capturas de telas, editadas, para melhor visualização - Gabriel Augusto da Rosa
(2023)

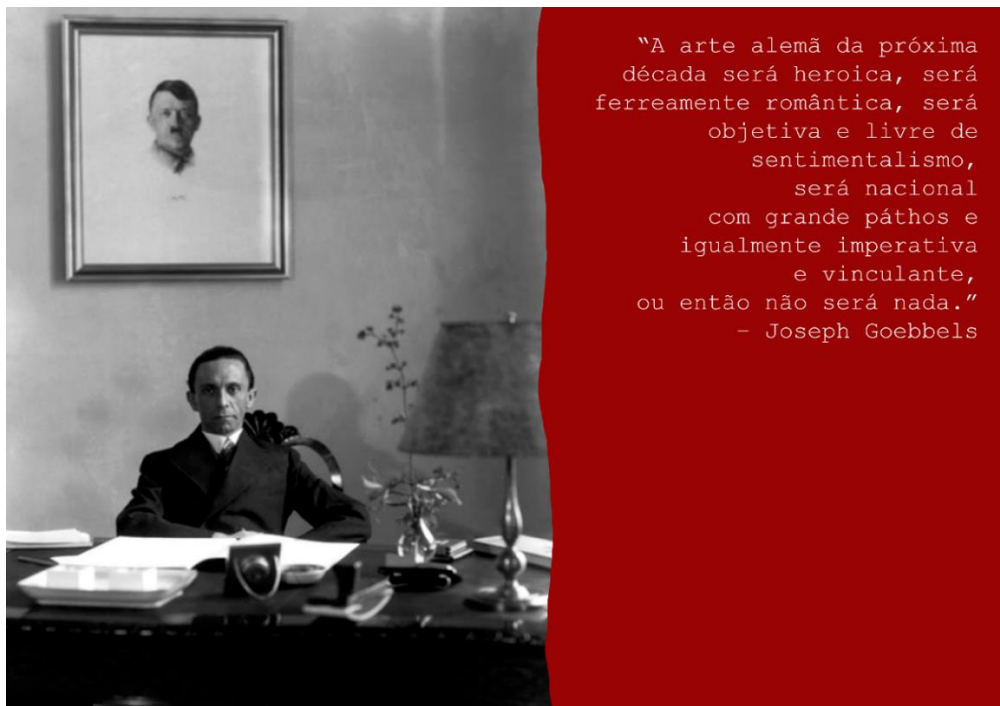
-  CartaCapital
<https://www.cartacapital.com.br> > Cultura
- O samba ainda sofre preconceito, diz pesquisador**
28 de nov. de 2016 — Mas não creio que o **samba** enfrente um **preconceito** na academia atualmente. ... A **letra** final ficou: “Quem trabalha é que tem razão/Eu digo e não ...
-  UEPG
<https://memoria.apps.uepg.br> > index.php > editoriais
- Preconceito é falta de conhecimento sobre o Hip Hop**
2 de jun. de 2011 — Infelizmente, ainda não conseguimos vencer um dos maiores males que assolam a humanidade: o **preconceito**. Uma manifestação cultural passível de ...
-  andregiusti.com.br
<http://www.andregiusti.com.br> > site > o-funk-e-ruim-...
- O funk é ruim e eu não sou preconceituoso nem racista**
Funk é realmente **ruim**, é uma opinião que infelizmente não abrange o Brasil inteiro. Pelo contrário, o **funk** é o gênero musical mais escutado do Brasil, o que me ...
-  Quora
<https://pt.quora.com> > Por-que-o-Funk-é-tão-Ruim
- Por que o Funk é tão Ruim?**
Não busca alcançar a perfeição musical. Os bailes funks parecem atingir uma certa catarse coletiva e estão intimamente ligados com o contexto social, político ...
4 respostas · Melhor resposta: Não há musica, harmonia, letra... Apenas barulho e barulho in...
-  YouTube
<https://www.youtube.com> > watch
- Por que FUNK é tão ruim? - YouTube**
 Por que o gênero musical **funk** é tão **ruim**? Ou será que **funk** é bom? Lord Vinheteiro Explica! Aprenda Teclado e Piano com o Lord!
YouTube · Lord Music Academy · 17 de abr. de 2019
-  Desciclopédia
<https://desciclopedia.org> > wiki > Pagode
- Porcaria Auditiva Generalizada por Otários Desprovidos ...**
21 de jul. de 2023 — ... **ruim** e que o Péricles ... Normalmente o pagodeiro tem cara de cachaceiro como o Zeca Pagodinho e não admitem nunca que **pagode** é **música** de emo.

Fonte: Pesquisa em Google por “Música ruim/Preconceito na música”,
editadas, para melhor visualização.

Por fim, o quarto e último par de imagens, trata-se de um conjunto que tem relação direta, e que destaca a mesma estética, a estética nazista. A imagem contemporânea (imagem 37) é retirada de um vídeo do ex-Secretário da Cultura do governo presidencial de Jair Messias Bolsonaro, Roberto Alvim, em que o então secretário estaria “coincidentalmente” reproduzindo uma fala muito semelhante a um discurso de Joseph Goebbels (Ministro da Propaganda da Alemanha nazista). Além do fato de que, esteticamente, ambas as imagens (tanto do secretário em seu discurso quanto do ministro em seu escritório), serem amplamente análogas.

Na imagem de Goebbels (imagem 36), contemplo um trecho do seu discurso: *“A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada”* no qual ele se propunha a orientar esteticamente alguns diretores de arte. Já na imagem de Alvim, também contemplo parte de seu discurso proferido em 17 de janeiro de 2020: *“A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional, será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada.”*

Imagem 36 – Discurso de Joseph Goebbels – Imagem Editada – Gabriel Augusto da Rosa (2023)



Fonte: Montagem digital

Imagem 37 – Discurso de Roberto Alvim – Imagem Editada – Gabriel Augusto da Rosa (2023)



Fonte: Montagem digital

Desta forma e, com esse conjunto de obras, podemos correlacionar e entender claramente e de maneira consciente, como ocorreram e ainda ocorrem manipulações estéticas de imagens com intuítos profundamente políticos e ideológicos. Com o advento das mídias contemporâneas, em especial as redes sociais aliadas a produção maciça de imagens, são exemplos que evidenciam como o pensamento colonialista, genocida, racista e patriarcal ainda estão fortemente presentes em nosso meio corroborando para propagar o ódio e as desigualdades.

Apresento então, a seguinte configuração das imagens para exposição (imagem 38 a 41), em um quadro/mural de lembretes (de 1,5 por 1,2 metros (largura e altura, respectivamente)), onde foram dispostos todos os quatro pares de forma que se relacionassem e fosse possível traçar uma narrativa através de ambos, e para isso, utilizei de uma linha vermelha que interligasse todo o trabalho, na busca por destacar uma estética inspirada em filmes de investigação (imagem 42), onde eram utilizadas linhas que traçadas em alfinetes ligavam os pontos. Assim, busco na minha obra demonstrar não só a evidencia desses fatos, mas toda a investigação que percorri por trás da minha pesquisa e deixo assim, para que o público investigue à sua maneira.

Destaco logo acima do quadro uma frase que sintetiza minha pesquisa, segundo Giselle Beiguelman, em seu livro *Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência da dadosfera*: “As imagens são, para além de lugar da transmissão de ideias e linguagens, o próprio campo das tensões e disputas políticas da atualidade” (2021). E trago abaixo uma reflexão **“Isso te lembra algo?”**. Também utilizado de post-its (amarelos) (imagens 40 e 41) para destacar e concluir temas claros nas imagens pesquisadas, como culto ao líder, supremacismo branco, genocídio dos judeus e palestinos, e o racismo na música. Utilizei também de uma caneta (vermelha) para destacar pontos importantes na minha pesquisa, grifando-os. Também trouxe as legendas das imagens para dentro da própria obra, interligando-as, também, com as linhas vermelhas.

Por fim, utilizei do seguinte texto para introduzir a temática, e seguir como ponto de partida para essa investigação:

“Arte, Imagem e Poder: a manipulação estética como instrumento de persuasão e controle nos contextos políticos e sociais

Conjunto de imagens que reavivam propagandas de décadas passadas que foram utilizadas com o intuito de manipular a estética para persuadir em contextos políticos e sociais, mantendo correlação diretamente com imagens advindas de manchetes, notícias e acontecimentos recentes, normalmente publicizados em redes sociais e sites de notícia, com relação direta com a temática e a narrativa das propagandas antigas.

A manipulação estética na propaganda nazista não é um fenômeno isolado. Na contemporaneidade, é possível identificar exemplos de manipulação visual e estética sendo utilizados em contextos políticos e sociais para influenciar a opinião pública. O uso das redes sociais, por exemplo, apresenta semelhanças na disseminação de narrativas que favorecem a classe dominante, na criação de identidades visuais e na exploração de emoções para promover ideologias.

Desta forma, percebe-se a persistência de estratégias de manipulação estética e o uso da imagem para perpetuar ideologias discriminatórias e opressivas enraizadas no sistema capitalista, enfatiza-se, então, a importância da conscientização sobre essas manipulações para promover uma compreensão crítica, reflexiva e de resistência em relação à mídia, propaganda e outros elementos da sociedade contemporânea.

A arte contemporânea, assim, emerge como uma dimensão ético-estético-política com potência de infiltrar os diferentes campos do conhecimento, colocando em jogo outras perspectivas que nos fazem refazer as nossas perguntas, desestabilizar os regimes de verdade e problematizar outras formas de vida não fascista.”

Imagem 38 – Estética do Controle – Gabriel Augusto da Rosa (2023)

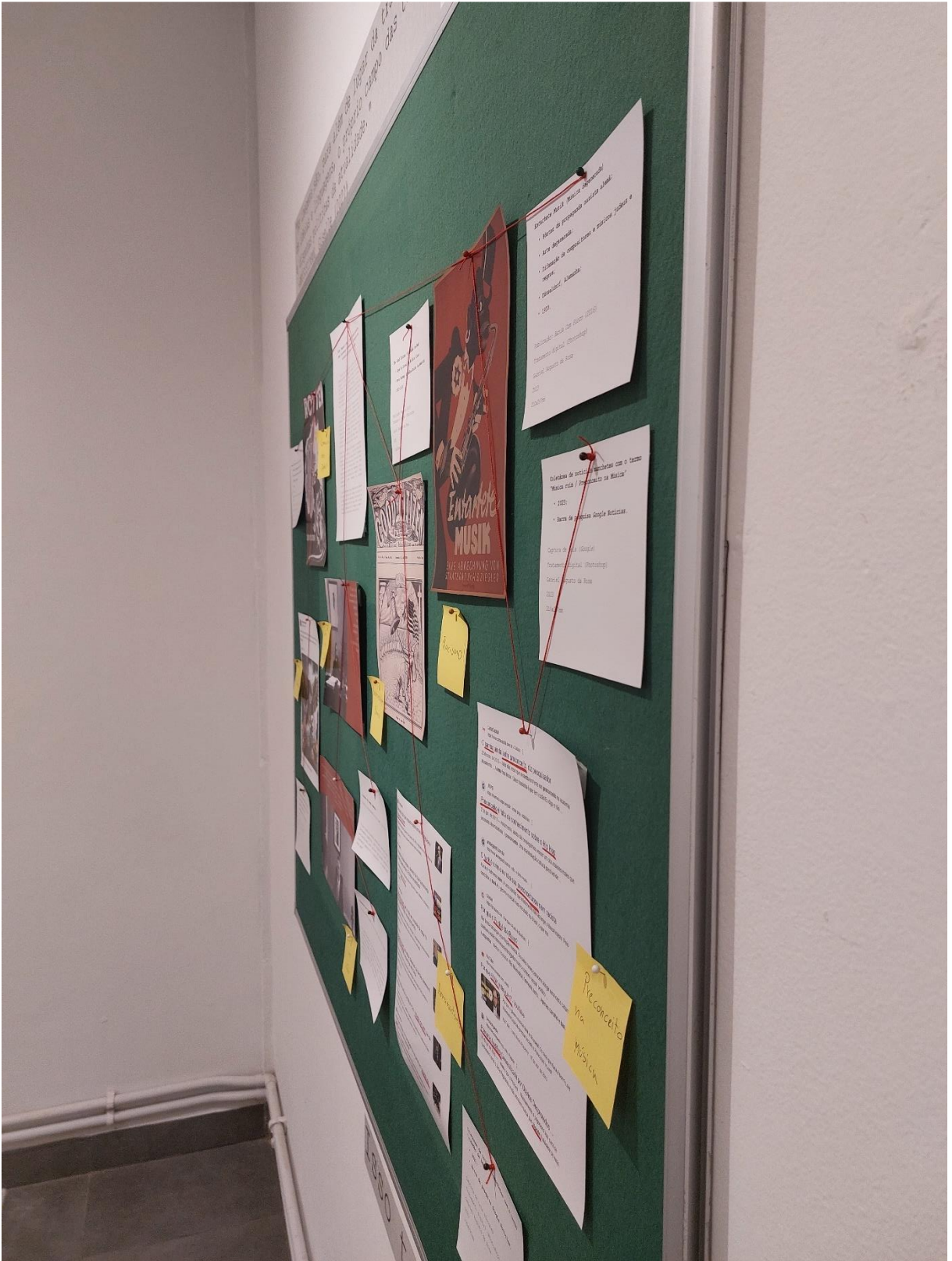
"As imagens são, para além de lugar da transmissão de ideias e linguagens, o próprio campo das tensões e disputas políticas da atualidade."
 -BEIGUELMAN, Giselle (2021)



Isso te lembra algo?

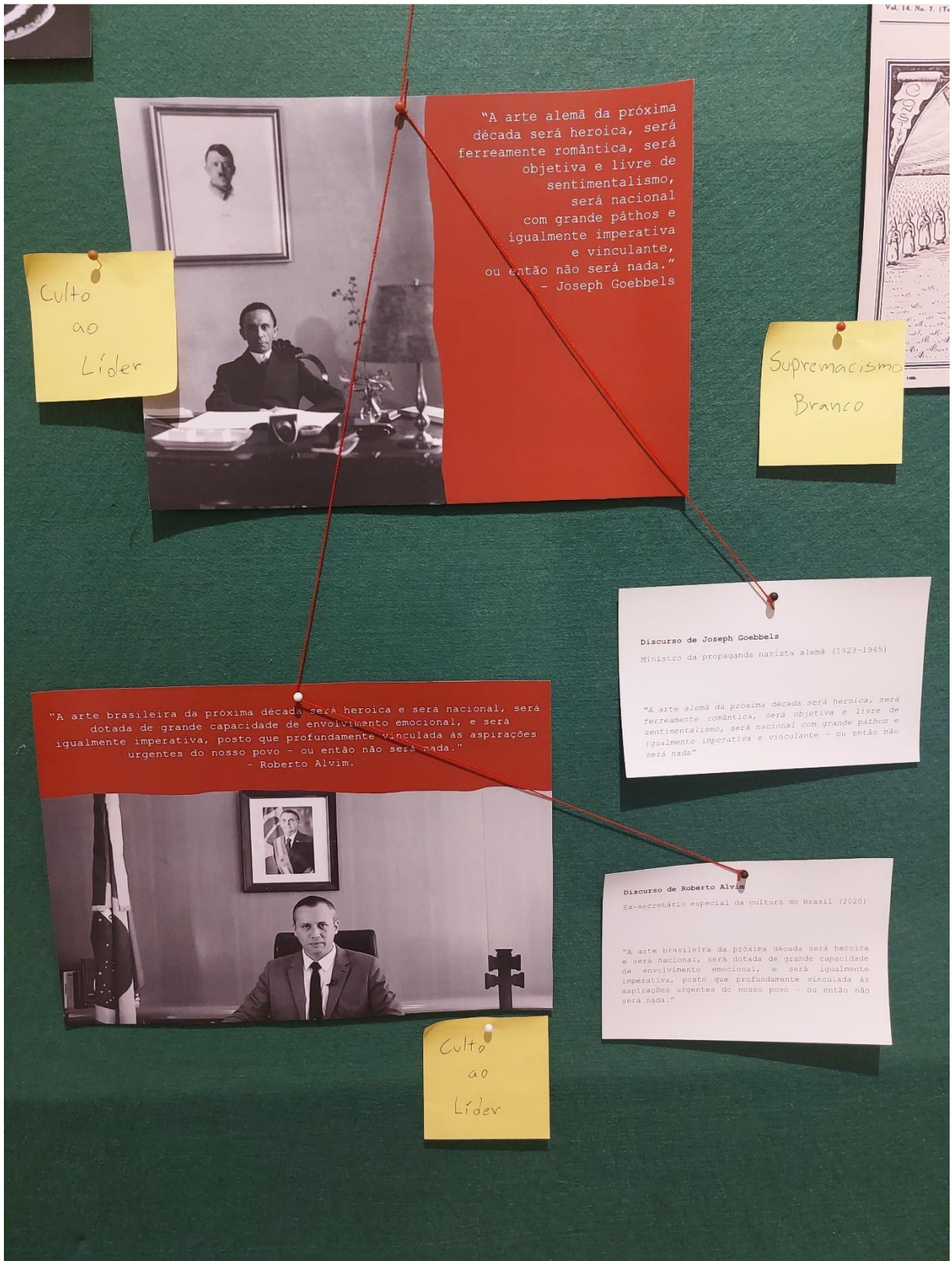
Fonte: Acervo pessoal – Instalação.

Imagem 39 – Estética do Controle (lateral) – Gabriel Augusto da Rosa (2023)



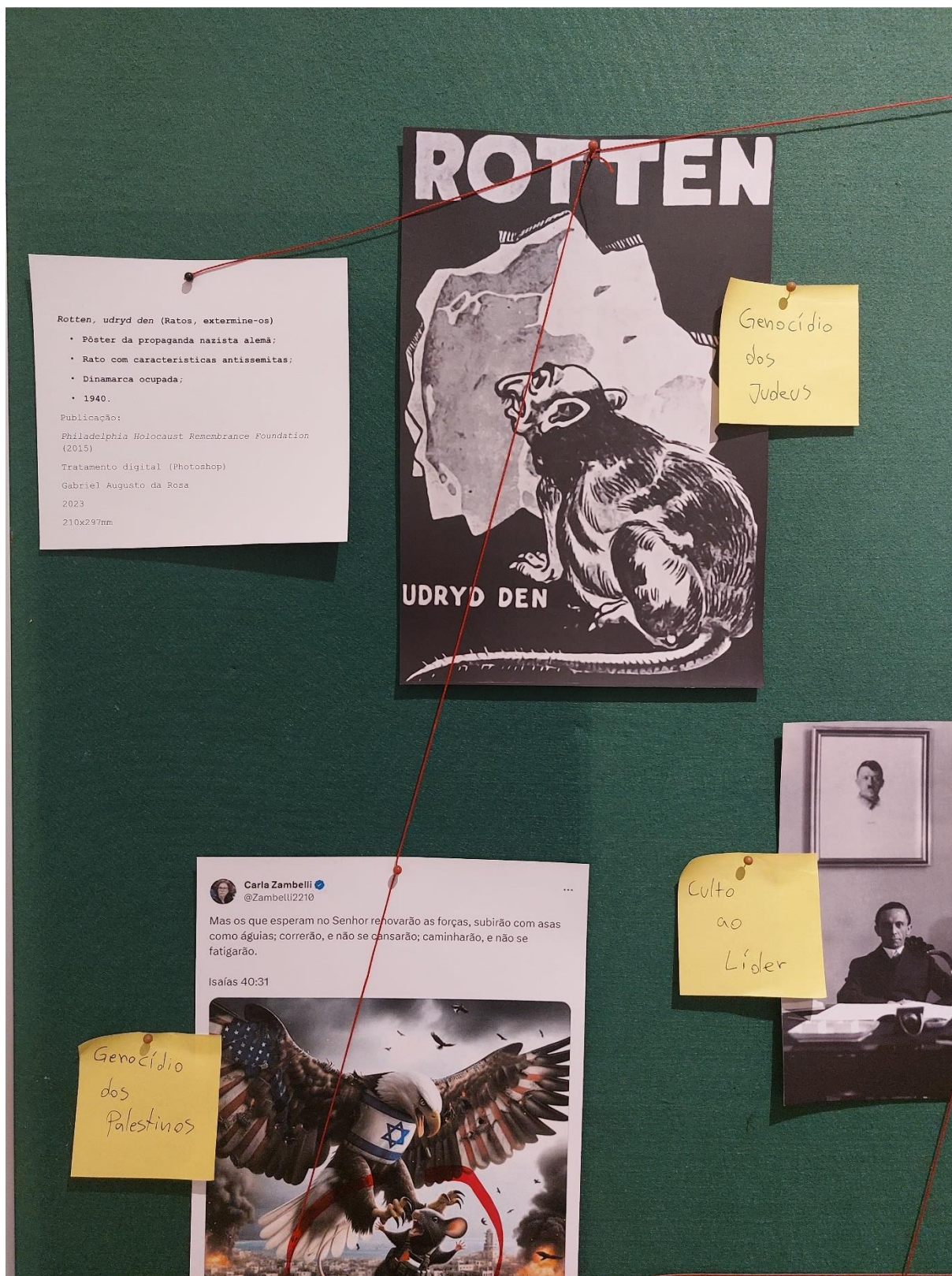
Fonte: Acervo pessoal – Instalação.

Imagem 40 – Estética do Controle (foco 1) – Gabriel Augusto da Rosa (2023)



Fonte: Acervo pessoal – Instalação.

Imagem 41 – Estética do Controle (foco 2) – Gabriel Augusto da Rosa (2023)



Fonte: Acervo pessoal – Instalação.

Imagem 42 – Quadro de investigação criminal (2023)

Fonte: Imagem retirada do pinterest.

Em conclusão, as imagens que se constituem a produção artística que se faz em uma arena de denúncia e debate político, ilustram de forma clara como a manipulação estética e o uso da imagem têm sido e continuam a ser ferramentas de persuasão e controle em contextos políticos e sociais. Ao examinar propagandas antigas e compará-las com acontecimentos e imagens atuais, busco evidenciar a persistência de estratégias que remontam a tempos sombrios da história da humanidade. Leva-nos a refletir sobre como as imagens e conceitos estéticos ainda são frequentemente usados para perpetuar ideologias discriminatórias e opressivas. Além disso, esse conjunto de imagens, destacam a importância de reconhecer e combater tais manipulações estéticas, promovendo uma compreensão mais crítica da mídia e da propaganda na sociedade contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises advindas dos resultados da pesquisa apontam para a profunda interconexão entre a arte contemporânea, a imagem, o poder, a política e a resistência, em que, cada um desses temas nos auxilia a compreender como algumas produções de arte contemporânea juntamente com seus artistas, funcionam como disparadores para pensarmos de outros modos, nos provocando a pensar. Desempenhando um papel importante na reflexão no que tange a manipulação estética, podendo alterar o contexto das imagens em contextos políticos e sociais.

Por meio dessa interconexão, emergem significados complexos que podem tanto unir quanto dividir, questionar, moldar, resistir ou conformar. Portanto, ao explorar essas conexões, podemos concluir e contemplar um panorama de percepções, manipulações e transformações, em que a arte transcende as barreiras linguísticas, as imagens constroem memórias coletivas e o poder opera nas entrelinhas da sociedade.

No âmbito da relação entre a arte e a imagem, os resultados da pesquisa apontam o quanto a estética desempenha um papel crucial na forma como percebemos e interpretamos o mundo que nos cerca. A partir de conceitos de beleza visual, onde muitas vezes é interpretado como um reflexo do que é moralmente correto, exercendo assim, influência sobre nossos julgamentos e valores. Como exemplificado de diversas formas ao longo do texto, por exemplo: Nas redes sociais, pessoas moldam ativamente suas imagens, compartilham seletivamente partes de suas vidas e constroem narrativas pessoais que, por sua vez, influenciam a percepção de terceiros. Desta forma, a imagem transcende o *status* de um simples registro visual, tornando-se um veículo de transmissão de valores e ideologias que moldam nossa compreensão do mundo. Portanto, devemos estar alertas a esses acontecimentos, para que evitemos tal manipulação, de formas que foram evidenciadas ao longa da presente pesquisa.

A arte, por sua vez, pode-se concluir desta forma, não ser apenas uma forma de expressão individual, mas um espelho de nossa sociedade, que reflete as dinâmicas de poder, política e cultura a mando de quem detém seu controle. Por meio da arte e da estética na criação de narrativas, percebe-se um vasto espectro de significados, símbolos e interpretações, que devem ser analisados e criticados, por conta de a expressão artística e a estética visual, encontrarem-se em constante

questionamento em relação as nossas percepções e compreensões do mundo que nos cerca.

Portanto, deve-se buscar, sempre que possível, a compreensão das relações entre arte, imagem e poder em um mundo saturado de representações visuais, para que desta forma, se evite a manipulação no campo das ideologias. Essas produções de arte contemporânea, como as apresentadas no texto, bem como a minha própria produção artística que se faz junto a esta pesquisa, entre muitas outras, se apresentam rotas de fuga para isso, uma vez que se estabelecem como uma forma de expressão política, capaz de influenciar diretamente o curso da história, ao desafiar poderes constituídos e ao apresentar novas perspectivas sobre questões sociais, levando o público a questionar e criticar o poder e refletir acerca das manipulações estéticas por trás das imagens disseminadas pela mídia e pela sociedade.

Nos encontramos em um contexto, em que é de extrema importância a promoção de uma educação crítica e sensível, que possa enfrentar os desafios culturais, políticos e sociais, e que, de toda maneira se preocupe em cultivar a empatia e não apenas a heteronomia. Vivemos um tempo onde os indivíduos são subjugados à vontade de terceiros, levados a se conformar com padrões sociais, consumistas e de entretenimento que minam sua individualidade e, por conseguinte, afetam sua capacidade de desenvolver empatia. A arte, neste contexto, mais do que nunca precisa se fazer política, criando conexões entre o espectador, artista e as mazelas de nosso tempo.

Dessa forma, acerca das produções artísticas contemporâneas, conclui-se que as imagens ilustram de maneira eloquente como a manipulação estética e o uso da imagem são ferramentas de persuasão e controle em contextos políticos e sociais. Assim, quando apresento uma análise de propagandas antigas em comparação com imagens atuais, preocupo-me em destacar a persistência de estratégias malignas e por vezes criminosas, as quais remontam a tempos sombrios da história. Tal fenômeno, nos leva a refletir profundamente sobre como as imagens e conceitos estéticos continuam a ser utilizados para perpetuar ideologias discriminatórias, racistas, preconceituosas e opressivas enraizadas no sistema capitalista, e desta forma, as maneiras que podemos evitá-las.

Ao retomar os objetivos e o problema mobilizador desta investigação, a pesquisa destaca como a arte contemporânea desempenha um papel crucial na exposição e no desafio à manipulação estética da imagem em contextos políticos e

sociais. A análise mostra que ao longo da história, a arte, a imagem e o poder têm influenciado a forma como percebemos e interagimos com o mundo.. A estética desempenha um papel fundamental na interpretação do mundo, e a imagem se tornou um veículo de transmissão de valores e ideologias que moldam nossa compreensão.

A arte contemporânea, assim, emerge como uma dimensão ético-estético-política capaz de desafiar o *status quo*, apresentar novas perspectivas e mobilizar o público a questionar e criticar o poder e as manipulações estéticas presentes nas camadas das imagens, como as que vimos no presente trabalho, que são disseminadas pela mídia e sociedade. E em um contexto atual, a promoção de uma educação crítica e sensível é essencial, onde então a arte desempenha um papel significativo ao evocar emoções e criar conexões reflexivas entre o espectador e o artista, contribuindo para o desenvolvimento de pensamento crítico e sensível.

Outro dado importante da pesquisa diz respeito a persistência de estratégias de manipulação estética e o uso da imagem para perpetuar ideologias discriminatórias e opressivas enraizadas no sistema capitalista, enfatizando a importância da conscientização sobre essas manipulações para promover uma compreensão crítica, reflexiva e de resistência em relação à mídia, propaganda e outros elementos da sociedade contemporânea.

Contudo, a análise crítica de representações visuais se faz essencial para entender as imagens e a compreensão dessa relação é fundamental para a análise das dinâmicas sociais, políticas e culturais de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Erziehung nach Auschwitz, In: –. Stichworte; kritische Modelle 2. Frankfurt, Suhrkamp, 1974. Trad. por Aldo Onesti.’ In: COHN, Gabriel (org). Coleção “Grandes Cientistas Sociais: Adorno”. São Paulo. Ática, 1986. disponível em: <https://goo.gl/GhhyZP>. ou na tradução de Wolfgang Leo Maar <http://goo.gl/hkflJW>

AREAL, Leonor - **O que é uma imagem? Cadernos PAR. N.º 5** (mai. 2012), p. 59-80.

ARTEREF – “Cem milhões de sementes de girassol feitas em porcelana!” (2013) – Disponível em: <https://arteref.com/arte-no-mundo/cem-milhoes-de-sementes-feitas-em-porcelana/> Acesso em: 02 nov. 2023.

BANKSY EXPLAINED. **Kissing coppers, 2004.** Disponível em: <https://banksyexplained.com/kissing-coppers-2004/> Acesso em: 22 out. 2023

BANKSY EXPLAINED. **No ball games (2009)** – Disponível em: <https://banksyexplained.com/no-ball-games-2009-2/> Acesso em: 02 nov. 2023.

BANKSY EXPLAINED. **Stop and Search, 2007.** Disponível em: <https://banksyexplained.com/stop-and-search-2007/> Acesso em: 15 out. 2023

BASIA COM FUOCO – **Entartete musik, teresienstadt en channel classics** (Música degenerada, Teresienstadt canal clássicos) – Disponível em: <https://basiakonfuoco.com/2016/05/25/entartete-music-teresienstadt-en-channel-classics/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistencia da dadosfera.** Ubu Editora; 1ª edição. 2021.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** Tradução por Gabriel Valadão Silva. Porto Alegre, RS: L&PM, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco**, 1928. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Brasiliense. 1984.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERGONCI, Tábata. **Azul é a cor mais... inexistente!** *Saense*, Publicado em 11 de abril de 2018. Disponível em: <https://saense.com.br/2018/04/azul-e-a-cor-mais-inexistente/> . Acesso em: 07 out. 2023

BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de Vida: a arte moderna e a invenção de si**. Tradução Dorothée de Bruchard. – São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins. 2011.

BRASIL DE FATO. **Artigo | Sobre a arte degenerada**. 04 out. 2017. Flávio Muniz – Belo Horizonte (MG) – Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/10/04/artigo-or-sobre-a-arte-degenerada> Acesso em: 04 nov. 2023.

CAMPOS, Tiago Soares. "Auschwitz"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/auschwitz.htm>. Acesso em 31 de outubro de 2023.

COLLATER. ***The Law of the Journey, the giant installation by Ai Weiwei in defense of refugees*** (A Lei da Viagem, a gigantesca instalação de Ai Weiwei em defesa dos refugiados). Disponível em: <https://www.collater.al/en/the-law-of-the-journey-installation-ai-weiwei/> Acesso em: 22 out. 2023

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda política e manipulação**. Tradução de Fernando Santos. Wmfmartinsfontes. São Paulo, 2014.

CONCEITOR DE. Equipe editorial de Conceito.de. (2 jun. 2016). Atualizado em 28 out. 2022. **Estêncil - O que é, conceito, características e origem**. Conceito.de. Disponível em: <https://conceito.de/estencil> Acesso em: 15 out. 2023.

CULTURA PLURA. **Dia de Los Muertos: a tradição cultural da América Latina que**

vai muito além do “Halloween”. Disponível em:
<https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=6576> Acesso em: 29 nov. 2023.

DASARTES. **Invasão colonial meu corpo nosso território, de Xadalu Tupã Jekupé créditos Fábio alt.** Disponível em:Acesso em: 02 nov. 2023.

DICIONÁRIO OXFORD. **Fake News.** Disponível em:
<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/fake-news> Acesso em:
 12 ago. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição.** 1953. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ESCOTILHA. **Xadalu Tupã Jekupé e a arte indígena na sociedade.** 21 jun. 2022
 Disponível em: <https://escotilha.com.br/artes-visuais/exposicao-antes-que-apague-xadalu-tupa-fundacao-ibere-camargo/> Acesso em: 02 nov. 2023

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** / Tradução por Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. – 1. Ed. – São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, M. Sujeito e o Poder. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos volume IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 118-137.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população:** Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução: Lígia M. Ponte Vassallo. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. Poder-Corpo. In: **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 13. ed., 1998, p. 145-152.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Tradução: Jorge Coli. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

G1 SP. "Estátua de Borba Gato é incendiada por grupo em São Paulo". G1, São Paulo, 24 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/noticia/2021/07/24/estatua-de-borba-gato-e-incendiada-por-grupo-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 12 set. 2023

G1 SP. "Obra de Banksy se desfaz após ser vendida por £ 1 milhão na Sotheby's". G1, São Paulo, 06 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/10/06/obra-de-banksy-se-desfaz-apos-venda-de-pound-1-milhao-na-sothebys.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

G1 SP. **Monumentos amanhecem pichados com tinta colorida em SP**. G1, São Paulo, 30 set. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/monumentos-amanhecem-pichados-com-tinta-colorida-em-sp.html>. Acesso em: 02 nov. 2023.

GAZETA DO POVO. **Pichadores de prédio histórico em SP pagarão multa de R\$ 10 mil; voluntários fazem limpeza**. 17 abr. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/em-sp-restauracao-da-fachada-do-patio-do-colegio-comeca-nesta-segunda-feira/> Acesso em: 02 nov. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. Barueri: Atlas. 2017.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida** / Nadja Hermann. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Immanuel Kant. Tradução de Valério Rohden e António Marques. Forense Universitária; 2ª edição. 1995.

LIXOELUXO. **Joelson Bugila, arte contemporânea para questionar a sociedade** – Disponível em: <https://lixoeluxoblog.wordpress.com/2014/10/07/joelson-bugila-arte-contemporanea-para-questionar-a-sociedade/> Acesso em: 02 nov. 2023.

MAGRITTE, René. **Les Deux mystères** [os dois mistérios]. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/rene-magritte/the-two-mysteries-1966> Acesso em: 26 set. 2023.

MEDIUM – **O cidadão de bem** – 13 dez. 2017. Disponível em: <https://medium.com/neworder/o-cidadao-de-bem-4d48f9568798> Acesso em: 03 nov. 2023.

MIDIA NINJA. **Livros Ninjas: Xadalu traz arte urbana pela causa guarani**. 13 abr. 2017 – Disponível em: <https://midianinja.org/jeferssonassumcao/livros-ninjas-xadalu-traz-arte-urbana-pela-causa-guarani/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MOED. **Guerrilla Girls, Do Women Have to Be Naked to Get into the Met. Museum?** (2012) – Disponível em: <https://moed.online/exhibition/moed-x-guerrilla-girls/> Acesso em: 02 nov. 2023.

MUNDOEDUCAÇÃO. **Ku Klux Klan**. Mundo Educação - Publicado por Daniel Neves Silva. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/ku-klux-klan.htm>. Acesso em: 03 nov. 2023.

MUNDOEDUCAÇÃO. **Guerra Fria**, Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-fria.htm> Acesso em: 22 out. 2023.

MUSEU DE TOPOGRAFIA. “Baliza Topográfica”. Museu de Topografia da UFRGS, Disponível em: <https://igeo.ufrgs.br/museudetopografia/index.php/equipamentos/275-baliza-topografica> Acesso em: 15 out. 2023.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 47.

PHILADELPHIA HOLOCAUST REMEMBRANCE FOUNDATION. *Antisemitism Explained* (Antissemitismo explicado). Disponível em: <https://www.philaholocaustmemorial.org/antisemitism-explained/> Acesso em: 03 nov. 2023.

PINTEREST. **Quadro de investigação criminal**. Disponível em: <https://www.pinterest.co.uk/pin/26036504090221315/>. Acesso em: 02 dez. 2023.

PORTAL VENEZA, Santa Catarina, 24 jan. 2020. “Piasa Natale Coral”. Disponível em: <https://www.portalvенеza.com.br/piasa-natale-coral-2/> Acesso em: 15 out. 2023.

SELECTART – “A Última Fronteira?” - 26 fev. 2013 – Disponível em: <https://select.art.br/a-ultima-fronteira/> Acesso em: 02 nov. 2023.

SIGNIFICADOS. **Materialismo histórico de Karl Marx**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/materialismo-historico/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20materialismo,suas%20rela%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20de%20produtividade>. Acesso em: 22 out. 2023

SIGNIFICADOS. **Significado de Zeitgeist**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/zeitgeist/#:~:text=Zeitgeist%20significa%20esp%C3>

%ADrito%20de%20%C3%A9poca,um%20determinado%20per%C3%ADodo%20de%20tempo.Acesso em: 23 out. 2023

SIGNIFICADOS. **Significado de Heteronomia.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/heteronomia/> Acesso em: 01 nov. 2023

SIGNIFICADOS. Estrela de Davi. Disponível em: <https://www.significados.com.br/estrela-de-davi/> Acesso em: 03 nov. 2023.

SILVA, Daniel Neves. "Nazismo"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/nazismo.htm>. Acesso em 01 de novembro de 2023.

TATE – **Guerrilla Girls, The Advantages of Being a Woman Artist** (1988) – Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/guerrilla-girls-the-advantages-of-being-a-woman-artist-p78796> Acesso em: 02 nov. 2023.

TERRA. **Monumento às Bandeiras e Borba Gato são pichados em SP.** Terra, São Paulo, 30 set. 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/monumento-as-bandeiras-e-borba-gato-sao-pichados-em-sp,5f1978cec402d92406eda859a80d279fux16qonf.html>. Acesso em: 02 nov. 2023.

THURSD – *Banksy Advocates for Peace With 'Rage, the Flower Thrower'* (Banksy defende a paz com 'Raiva, O Lançador de Flores') (23 ago. 2023) – Disponível em: <https://thursd.com/articles/banksy-rage-the-flower-thrower> Acesso em: 02 nov. 2023.

WIKIART. **Guernica, Pablo Picasso, 1937.** Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/pablo-picasso/guernica-1937> Acesso em: 22 out. 2023.

